

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

SITUAÇÃO ATUAL DO PRONOME SUJEITO NO DISCURSO
COLOQUIAL ESPONTÂNEO

JANICE HELENA SILVA DE RESENDE CHAVES MARINHO

- BELO HORIZONTE-1990 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

SITUAÇÃO ATUAL DO PRONOME SUJEITO NO DISCURSO

COLOQUIAL ESPONTÂNEO

JANICE H.S.R. CHAVES MARINHO

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LÍNGUA PORTUGUESA,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

DISSERTAÇÃO APRESENTADA A BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA

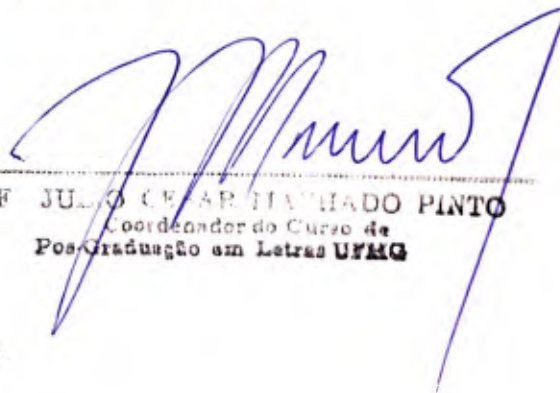
DOS SEGUINTE PROFESSORES:

Maria Lygath Fonseca Laraine

Maria Beatriz Nascimento de Azeite

Eunice Pontes

ORIENTADOR: PROFA. DRA. EUNICE S.L. PONTES


PROF. JULIO CESAR MACHADO PINTO
Coordenador do Curso de
Pos-Graduação em Letras UFMG

.iii.

A meus pais e a
meu irmão Rubens.

AGRADECIMENTOS:

a Eunice Pontes, pelo apoio constante e dedicação
ao orientar este trabalho

a meus informantes, pela ajuda inestimável.

a meus colegas, que muitas vezes me ofereceram
valiosas sugestões.

a meu marido e a meus filhos, que me ajudaram
ao me compreenderem nessa fase difícil.

a Jorge, pela eficiência em seu trabalho.

S U M Á R I O

Este trabalho consiste na descrição da atual situação do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do singular na língua portuguesa, no discurso oral coloquial espontâneo.

São expostos os números que indicam uma grande presença do pronome sujeito de P1 na língua oral, e analisados os diversos fatores apontados, em gramáticas tradicionais e em trabalhos variacionistas, como condicionadores da expressão do sujeito pronominal.

Feita a análise desses fatores, mostra-se que a explicação da quase obrigatoriedade do pronome sujeito, em língua oral espontânea, está na evolução do sistema verbal em direção à perda da flexão número-pessoal.

I N D I C E

Páginas

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: METODOLOGIA	5
1.1 - Constituição do corpus	5
1.2 - Os informantes	6
1.3 - As gravações	7
1.4 - Quadros.....	8
1.5 - Delimitação dos dados.....	8
CAPÍTULO II : REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 - Gramáticas Tradicionais.....	11
2.2 - Trabalhos Variacionistas.....	15
2.2.1 - A pesquisa de Silva.....	15
2.2.1.1 - A variação do sujeito no espanhol.....	16
2.2.1.2 - A variação do sujeito no português.....	20
2.2.2 - A pesquisa de Lira.....	21
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS FATORES LEVANTADOS COMO RESPONSÁVEIS PELA EXPRESSÃO OU NÃO DO SUJEITO PRONOMINAL.....	24
3.1 - Fatores apontados pelas gramáticas.....	25
3.1.1 - Ênfase do sujeito.....	25
3.1.2 - Contraste entre os sujeitos.....	28
3.1.3 - Forma verbal comum à 1a. e 3a. pessoas do singular.....	29

3.1.4 - Conclusão.....	30
3.2 - Fatores pesquisados em trabalhos variacionis- tas.....	31
3.2.1 - Mudança de referência.....	31
3.2.2 - Conexão do Discurso.....	33
3.2.2.1 - Li & Thompson(1979).....	34
3.2.2.2 - Givón (1983).....	41
3.2.2.3 - Silva (1988).....	48
3.2.3 - Tipo de Oração.....	56
- 3.2.3.1-Orações Absolutas.....	58
3.2.3.2-Orações principais.....	60
3.2.3.3-Orações Subordinadas.....	61
3.2.3.4-Orações Coordenadas.....	63
3.2.3.5-Orações Intercaladas.....	64
3.2.4 - Posição das Orações	66
3.3.5 - Ambigüidade.....	68
3.3.6 - Ênfase.....	71
3.3.7 - Matizes de tipo pragmático-estilísti- co.....	74
CAPÍTULO IV: UMA EXPLICAÇÃO PARA O EMPREGO DO PRONOME SUJEITO.....	79
CAPÍTULO V: CONCLUSÃO.....	93
NOTAS	97
BIBLIOGRAFIA.....	99
ENTREVISTAS.....	102

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho consiste na descrição da atual situação do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do singular (P1)⁽¹⁾ na língua portuguesa, no discurso oral coloquial espontâneo.

A partir de gravações de conversas espontâneas, colhemos nossos dados e passamos a analisá-los com o objetivo de não só expor a situação do pronome sujeito de P1, hoje, mas também de tentar explicar que fatores poderiam estar determinando o seu uso ou a sua omissão.

Partimos da hipótese de que hoje o pronome pessoal sujeito de P1, na língua oral espontânea, está-se fazendo obrigatório, contrariando a idéia de que, em português, ele é desnecessário, portanto, dispensável.

A nossa observação de conversas espontâneas tem apontado para o uso freqüente do pronome sujeito. Ao contrário do que trabalhos que tratam sobre esse assunto têm mostrado, porque trabalham com a língua escrita, os falantes do português usam o pronome juntamente com o verbo bem mais do que o omitem. Temos observado uma grande preferência pelo emprego do pronome sujeito.

Eunice Pontes (1987, ms), estudando as diversas modificações ocorridas no sistema de pronomes pessoais no Português Coloquial do Brasil, já observara que o pronome sujeito tem sido usado também, freqüentemente, em construções impes-

soais bem como em construções de indeterminação do sujeito . Mesmo em situações em que o seu uso não é previsto na língua escrita, ele vai ser empregado. Encontramos alguns exemplos que ilustram esse uso do pronome :

- (1) Eles ficam falando que os professores..
 ē que fazem moleza.. (FC: 8)
- (2) ...porque se ocē não der a maçã enquanto
 ele tiver com bastante fome, ele não come.
 (ML:8)
- (3) Eu sou difícil de sair de casa cedo.⁽²⁾

O pronome eles, no primeiro exemplo, foi usado sem antecedente explícito no discurso. Ele foi usado numa construção de indeterminação do sujeito, apesar de haver uma regra que diz que nesse tipo de construção o verbo deve vir 3a. pessoa do plural, sem o pronome.

No segundo exemplo, o pronome ocē não está se referindo à pessoa com quem se está falando, mas atua, aqui, como índice de indeterminação do sujeito, como indicador de que o sujeito é incerto, indefinido.

Já no terceiro exemplo, temos o uso do pronome sujeito eu numa construção impessoal. Como assinala Pontes, as "construções impessoais são de fato mais de língua escrita, hoje, do que oral". Daí a preferência pelo uso do pronome.

Devido, então, à grande presença do pronome sujeito na língua oral coloquial espontânea, achamos que sua situação

deveria ser revista e estudada mais detalhadamente.

Pontes também já apontava para a possibilidade de o português estar sofrendo uma evolução semelhante à que sofreu o francês, em que, à medida que os verbos foram perdendo a flexão, os pronomes foram-se tornando obrigatórios. De fato, estudando os dados da língua oral espontânea, constatamos que a flexão verbal número-pessoal tem-se reduzido a uma única forma, na maioria dos tempos verbais. Como exemplifica Pontes, o imperfeito do indicativo, conjugado na língua oral coloquial espontânea, hoje, tem uma única forma para todas as pessoas (eu, você, ele, a gente, vocês, eles). Mas, mesmo diante de formas verbais flexionadas, como no caso da 1.ª pessoa do singular (P1) no presente e no pretérito perfeito do indicativo, há uma grande preferência pelo emprego do pronome sujeito.

Começamos o nosso trabalho com o que chamamos de Revisão da Literatura: fizemos uma pesquisa sobre a situação do pronome pessoal sujeito na língua escrita, segundo as gramáticas tradicionais; e também uma revisão da questão presença/ausência do pronome sujeito em análises variacionistas.

Em seguida, partimos para a análise dos diversos fatores levantados, tanto pelas gramáticas tradicionais, quanto pelos trabalhos variacionistas, como responsáveis pela expressão ou não do sujeito pronominal.

Finalmente, depois de analisarmos os fatores que poderiam estar condicionado a variação da expressão do sujeito de P1, passamos a mostrar que o pronome pessoal sujeito, o que tudo indica, está sofrendo um processo de cliticização, ou seja, es-

tá-se tornando átono/clítico.

Nosso estudo é realizado a partir de uma perspectiva funcional, que procura explicar os fenômenos da sintaxe à luz de sua função no discurso, bem como em sua relação com outras línguas. A Linguística Funcional analisa a estrutura gramatical considerando-a inserida na situação global de comunicação. Segundo Silva (1988:21), o funcionalismo, em sua essência, vê a língua cumprindo finalidades comunicativas — "e entenda-se comunicar não só no plano referencial, cognitivo, mas também, em termos da natureza e do propósito do evento de fala como fenômeno cultural e cognitivo".

CAPÍTULO I: METODOLOGIA

1.1 - Constituição do corpus

Nossos dados foram obtidos em gravações de conversas espontâneas. Fizemos quatro gravações com tempos variados em que procuramos registrar um discurso o mais espontâneo possível. Para isso, conversamos antecipadamente com nossos informantes e pedimos sua autorização para gravarmos sua fala, sem explicitarmos o que propriamente iríamos analisar. Mais tarde, às vezes dias depois, sem que os informantes se dessem conta, gravamos a conversa. Não nos colocamos como entrevistador, mas participamos ativamente da conversa, de modo a não despertar qualquer tipo de censura em nossos informantes. Assim, conseguimos registrar um discurso realmente espontâneo e descontraído.

Em apenas uma das gravações houve um certo cuidado com as construções de algumas frases por parte dos informantes, mas não porque o diálogo não estivesse espontâneo, e sim devido ao assunto tratado naquele momento. Construções do tipo: "não se exigia, não se falava" foram usadas por nossos informantes quando estavam se referindo a um procedimento tido no local de trabalho. Pudemos observar que, quando o assunto da conversa dizia respeito ao nosso trabalho, sem querer, eles empregavam essas construções mais típicas da linguagem formal.

De qualquer forma, acreditamos que tenhamos consegui

do dados representativos de discursos coloquiais espontâneos.

1.2 - Os informantes

Nossos informantes são pessoas adultas, na faixa etária de 28 a aproximadamente 40 anos, todos de nível de escolaridade superior e pertencentes à classe média de Belo Horizonte. Quisemos selecionar dessa forma nossos entrevistados para termos dados representativos da situação real da língua portuguesa falada. E quisemos registrar a fala de pessoas escolarizadas, a fim de verificarmos como as pessoas de nível cultural elevado, que receberam ensinamentos gramaticais, se expressam coloquialmente.

As pessoas entrevistadas mantêm conosco um relacionamento estreito, são parentes, amigos ou colegas de trabalho, o que garante, nas gravações, maior espontaneidade e descontração.

Nossos informantes mantêm entre si, então, homogeneidade quanto à procedência, ao nível de instrução e à classe sócio-econômica. Quanto à idade, acreditamos que haja também homogeneidade, uma vez que, entre adultos como o mesmo nível de instrução e pertencentes à mesma classe sócio-econômica, quase não há diferenças no uso lingüístico.

Não nos preocupamos com o sexo dos informantes, já que, nos trabalhos realizados sobre esse assunto, que serão comentados mais adiante, esse fator não se mostrou significativo.

1.3 - As gravações

As transcrições das gravações foram feitas por nós, pessoalmente, e procuramos ser inteiramente fiéis ao que foi gravado. Muitas vezes era difícil distinguirmos determinados sons, não era possível entendermos o que exatamente era fala do. Nesses casos optamos por não tentar adivinhar o que era dito e deixamos nesses espaços um sinal "(...)" para indicar que esse trecho está ininteligível.

A pontuação nas transcrições também foi outra dificuldade para nós. Não quisemos usar os sinais convencionais de pontuação, muitas vezes, para sermos mais fiéis à fala dos informantes. Usamos esses sinais apenas quando de fato eles eram representativos das pausas e entonações empregadas. Assim, quando era usada uma pausa maior do que a representada pela vírgula e a entonação não era descendente, usamos o sinal "...", se era média, e "... ." se era grande. E quando as palavras eram pronunciadas seguidamente, sem pausa alguma, não empregamos qualquer sinal de pontuação. Vejamos o exemplo (1):

- (1) Não. Quando eu dava maçã pra J. era a mesma coisa .. ela ainda não sabia engolir direito .. ficava empurrando com a língua do jeito dele .. a a impressão que eu tinha na hora ... era que ela não queria ... com o tempo .. é que eu vi que ... que o negócio era mesmo não saber né? não sabia. (ML:1)

Registramos as gravações utilizadas com as iniciais maiúsculas dos informantes. Para cada ocorrência de primeira pessoa do singular, fizemos uma ficha, em que marcamos a gravação a que pertence e a página em que se encontra.

Nas exemplificações dadas no decorrer de nosso trabalho, especificamos a procedência do exemplo, citando a gravação e a página.

Ex.: Ai gente, ódio que eu tenho de .. quando eu
tenho que fazer as coisas correndo então aí
que eu erro erro em seguida. (EL:8)

1.4 - Quadros

Nossos quadros têm resultados numéricos, trabalhamos com quantificadores absolutos e relativos, e foram incorporados ao próprio texto, facilitando ao leitor, assim, sua consulta imediata.

1.5 - Delimitação dos dados

Para nossa dissertação, analisamos todas as ocorrências de primeira pessoa do singular, trabalhamos com as formas verbais que podem aparecer acompanhadas pelo pronome pessoal sujeito de P1. Dessa forma, não incluimos na análise as formas de infinitivo das locuções verbais, que são usadas sem o pronome sujeito, como as que aparecem nos exemplos abaixo:

(5) J., mas deixa eu te falar, eu quero pegar
o endereço lá... (MA:3)

(6) .. quando eu comecei a dar sopa eu achei
que era ... (ML:1)

Também não incluímos as formas de infinitivo das
orações reduzidas, como em (7):

(7) Não tô achando tempo pra poder estudar
não, ... (MA: 8)

Nessa construção, a forma infinitiva é usada sem o pronome su
jeito quando seu sujeito é o mesmo da oração anterior. Já que
o pronome pessoal sempre é omitido em casos como esse, não os
consideramos em nossa análise.

Foram também excluídas de nosso trabalho as expres-
sões formulaicas⁽³⁾, ou lexicalizadas, como "acho que", "não
sei quê", "não sei quantas", "se não me engano", etc., já que
essas expressões quase feitas são aprendidas pelos falantes
num todo e não em partes separadas.

Não consideramos, ainda, os casos em que é usada uma
forma verbal não-marcada, cujo sujeito está indefinido, como em
(8):

(8) Daí ele pegou e falou, aí eu perguntei des
sa tremura que ele tã tendo umas tremura, ele
pegou e falou que era do .. Aerolin, que tí-
nha que trocar pro Bricanyl. (ML:2)

O sujeito da forma verbal tinha está indefinido, não podemos dizer que seja eu, você, a gente ou ele. É como se o falante quisesse usar uma construção de indeterminação do sujeito.

Enfim, procuramos trabalhar com os casos em que o pronome pessoal sujeito de Pl pode ou não ser usado, tentando explicar, diante da falta de obrigatoriedade na expressão do sujeito, a grande presença do pronome junto ao verbo, baseados nos fatores discursivos.

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

2.1 - Gramáticas Tradicionais

Embora o nosso trabalho seja com a língua oral coloquial espontânea, fizemos, para efeito de comparação, uma pesquisa sobre a situação do pronome pessoal sujeito na língua escrita.

Segundo as gramáticas tradicionais, o pronome sujeito é opcional em português. Sua omissão é permitida porque as desinências contidas nas formas verbais por si só indicam o seu sujeito.

Em nossas aulas de redação, ensinam-nos que devemos omitir os termos facilmente subentendidos no contexto, para que nossa construção seja "concisa e elegante". Entre os termos considerados desnecessários, repetitivos, encontramos os pronomes pessoais sujeitos.

Dessa forma, são insistentes os exercícios de elipse dos pronomes sujeitos nas escolas. Antunes Cunha (s/data: 90), em seu livro Ler e Redigir, faz uma observação sobre a frequente omissão do pronome: "Repare nos verbos do texto: geralmente se referem à primeira pessoa do singular ou à terceira do plural. No entanto, o pronome sujeito nunca aparece". E em seguida, dá um "Conselho para Redação: Sempre que puder, evite usar o pronome sujeito, que pesa a oração. Use-o apenas quando qui-

ser realçar ou opor sujeitos, ou quando a clareza o exigir" . Ela propõe um exercício de redação em que o aluno deverá evitar o emprego dos pronomes sujeitos.

Para as gramáticas tradicionais, os pronomes normalmente devem ser omitidos, a menos quando se quer realçar o sujeito da oração ou quando há contraste ou oposição entre os sujeitos, como no exemplo dado por Celso Cunha (1985:276):

Eu calo-me — tu descansas,
Eu rojo — tu te levantas,
Tu és livre — escrava eu sou!...

(Castro Alves, OC, 273)

Neste exemplo, em que há oposição entre os sujeitos eu e tu, a recomendação feita é a de que o pronome deve ser usado.

As gramáticas tradicionais também recomendam o uso do pronome quando a forma verbal é a mesma para a primeira e a terceira pessoa do singular. O pronome sujeito é necessário para se evitar o equívoco, como nos mostra Celso Cunha (1985 : 276):

É preciso que eu repita o que ele disse?
 É preciso que ele repita o que eu disse?

A ausência da desinência verbal, ou seja, a ausência da marca de pessoa das formas verbais repita e disse faz com que o pronome sujeito apareça. Nesses casos o uso do pronome é obrigatório, se o retirarmos da frase, não saberemos qual é o

sujeito das formas verbais.

Vilela (1988) mostra que, para alguns gramáticos como Bechara e Said Ali, por exemplo, a elipse dos pronomes sujeitos de primeira e segunda pessoas ocorre com mais frequência do que a elipse do pronome de terceira pessoa. É que a forma verbal de terceira pessoa é ambígua, pois serve para outras referências. A forma verbal de terceira pessoa do singular serve também para:

- "a) segunda pessoa do singular: "você";
- b) a expressão a gente, que concorre com o pronome nós, na referência à primeira pessoa do plural;
- c) sujeito indeterminado, com a forma verbal acrescida de "se" — em língua escrita formal —, como em "Como é que se pode ir à Europa, sem gastar dinheiro?";
- d) primeira pessoa do singular, em quase todos os tempos verbais dos modos indicativo e subjuntivo: apenas em três tempos verbais do modo indicativo; a primeira pessoa do singular tem sufixo próprio: presente, pretérito perfeito e futuro do presente."

(Vilela, 1988:19)

A forma verbal de terceira pessoa do plural também pode servir para:

- "a) segunda pessoa do plural: "vocês";
- b) sujeito indeterminado, sem a presença de pronome, como em "Dizem que quem com ferro fere com ferro será ferido, mas não acredito nisso". (idem)

A partir daí, podemos supor, como diz Vilela (1988), que, com formas verbais de terceira pessoa, o escritor deverá optar pelo preenchimento do sujeito e não pela elipse. Seus dados, porém, vão mostrar que "apesar da ambigüidade potencial das formas verbais de 3a. pessoa, usam-se muito pouco, em língua escrita, os pronomes-sujeito". (Vilela, 1988: 21)

Said Ali (1971), com relação às formas verbais ambíguas, já observara: "O sistema de sufixos de pessoa, tão desenvolvido nos verbos das antigas línguas sintéticas, e que caracterizava a concordância do verbo com o sujeito, perdeu seu valor em muitas línguas modernas, bastando nestas mencionar-se o pronome sujeito".

Também Mattoso Câmara Jr. (1985:95) menciona este uso do pronome sujeito: "Entretanto, em português o enfraquecimento das distinções entre as desinências verbais de pessoa faz com que o pronome pessoal sujeito seja bem mais frequente do que em latim clássico".

Assim, vemos que nesses casos em que pode haver um equívoco com relação ao sujeito da forma verbal, a omissão do pronome não é aconselhada. As mesmas gramáticas tradicionais que recomendam a omissão do pronome pessoal sujeito, apresentam casos em que sua presença se faz obrigatória. Mesmo em língua escrita, então, o uso do pronome sujeito pode ser obrigatório.

2.2 - Trabalhos Variacionistas

2.2.1 - A pesquisa de Silva

Silva (1988) estuda a língua em uso, utilizando cartas pessoais informais de cariocas. O objetivo de seu trabalho é investigar a variação da expressão do sujeito da frase. Uma vez que não há obrigatoriedade, em português, quanto ao uso ou omissão do pronome sujeito, segundo a literatura tradicional, surge a necessidade de se estudar essa variação. A autora, então, levanta algumas questões, como: "quando se dá a omissão do pronome? E quando ele ou o nome se mantêm? Que condicionamentos entram em jogo nessa escolha?"(p. 11) A partir da análise de seus dados, tratados através da teoria da variação lingüística, ela vai respondendo a essas questões, mostrando que a escolha da forma do sujeito, em português, atende a necessidades específicas de comunicação.

Ela trabalha com vários fatores condicionantes da variação na expressão do sujeito de 1a., 2a. e 3a. pessoas. Esses fatores operam em níveis morfológico, sintático, semântico e discursivo-pragmático, e, segundo Silva, "é o último que revela resultados mais interessantes".

Para o levantamento desses fatores, Silva examina cinco trabalhos que versam sobre a possibilidade de se expressar ou não o sujeito da oração.

Vamos apresentar sua exposição sobre essas análises variacionistas, três no espanhol e duas no português, uma vez

que estamos trabalhando com esse mesmo assunto, e que elas possuem semelhanças com a nossa pesquisa: todas utilizam os dados de fala, extraídos de entrevistas que favorecem um estilo informal.

2.2.1.1 - A variação do sujeito no espanhol

Silva-Corvalán (apud Silva, 1988) estuda a expressão ou a ausência do sujeito da frase e, quando este está expresso, sua posição com relação ao verbo. Ela trabalha com a língua espanhola utilizada na zona oeste de Los Angeles, e seus informantes têm homogeneidade em termos de nível sócio-econômico e de valores culturais e tradições. Dessa forma, em seu trabalho foram investigados apenas fatores lingüísticos. A autora exclui os fatores sociais, embora seus informantes tenham sexos diferentes e pertençam a três faixas etárias diferentes.

Dos fatores lingüísticos investigados, quatro são selecionados por Silva para a análise da variação na expressão do sujeito por terem, segundo Corvalán, resultados satisfatórios.

O primeiro fator é mudança de referência. A hipótese que subjaz a esse fator é a de que a manutenção do mesmo referente do sujeito da oração anterior favorece a omissão do sujeito, e a mudança do referente contribui para sua presença.

O segundo fator é a ambigüidade. A autora estabelece uma distinção entre forma verbal ambígua, forma verbal não-am-

bígua e contexto não-ambíguo (quando as formas verbais ambíguas podem ser desambiguadas no contexto).

O terceiro fator diz respeito ao status informacional do referente do sujeito. É adotada a classificação de novo X velho, ou seja, os referentes se encontram em dois pólos sem graus intermediários, como assinala Silva.

Essa classificação velho/novo, quanto à sua influência na expressão ou não do sujeito, só pode se aplicar a sujeitos expressos, pois, segundo Silva, "um sujeito não expresso é necessariamente velho, ou não será compreendido"(1988:58) Mais à frente, levantaremos outros problemas que irão surgir com a adoção desse critério.

O quarto fator estudado refere-se ao número de argumentos do verbo. Como esse fator diz respeito mais à posição do sujeito do que à sua expressão ou omissão, não o examinaremos em nosso trabalho.

Além desses quatro fatores, Corvalán faz referência a mais dois: contraste e estabelecimento do sujeito como tópico do discurso.

O sujeito é "foco de contraste" quando seu referente se coloca em oposição a um número restrito de alternativas claramente identificáveis. Já o estabelecimento do sujeito como tópico exige uma análise dirigida para o discurso e seu tema (tópico) bem como para a co-ocorrência de participantes no enunciado examinado. Segundo Silva, Corvalán não aprofunda essa idéia em seu trabalho.

Bentivoglio (apud Silva, 1988) trabalha com a variação presença/ausência do sujeito de primeira pessoa (singular e plural). A autora analisa seus dados levando em conta fatores lingüísticos e extra-lingüísticos. Dos fatores extra-lingüísticos, apenas sexo se mostrou relevante para a expressão ou não do pronome sujeito.

Seis fatores lingüísticos são levantados por Bentivoglio: mudança de referência, ambigüidade, troca de turno na conversa, ênfase, tipo de verbo e número gramatical. Comentaremos a seguir apenas os fatores que não foram utilizados por Corvalán.

A troca de turno na conversa é um importante fator nos diálogos. Uma intervenção de outro falante ou qualquer outro tipo de intervenção provocam uma quebra na sequência da fala e, ao retomar o turno, o falante tende a se recolocar através do pronome de 1ª. pessoa do singular. Silva não trabalha com esse fator, devido à natureza de seu corpus, que são cartas pessoais. No entanto, em nosso trabalho esse fator deve ser examinado, já que nossos dados são extraídos de diálogos.

O fator chamado de ênfase por Bentivoglio, segundo Silva, compreende duas situações lingüísticas: contraste e reforço, reunidas por terem funções semânticas semelhantes: "(...) dar proeminência ao que X é, faz, pensa, em oposição ao que Y é, faz, pensa, etc" (apud Silva, 1988:60). Essa concepção, como assinala Silva, é semelhante à de contraste mencionada por Corvalán.

O fator número gramatical diz respeito à diferença entre o sujeito de 1a. pessoa do singular (P1) e o de 1ª pessoa do plural (P4). Como em nosso trabalho estamos investigando apenas a presença ou ausência do pronome pessoal sujeito de P1, não entraremos em detalhe sobre esse fator.

O fator tipo de verbo é tido como interessante por Silva, já que se desdobra em duas vertentes: o tipo de verbo serve para opor presença/ausência de sujeito de 1a. pessoa (P1 e P4) e para distinguir as ocorrências de 1a. e 3a. pessoa. Depois de estabelecer uma classificação semântica dos verbos, Bentivoglio constatou que verbos de percepção, volição, cognição, enunciação contribuem para a presença do pronome sujeito de 1a. pessoa, e ocorrem mais tipicamente com a 1a. pessoa.

Morales (apud Silva, 1988) trabalha com a expressão do sujeito pronominal de 1a. pessoa. A autora utiliza os principais fatores já analisados nos outros trabalhos: mudança de referente do sujeito da oração, ambiguidade da forma verbal, ti-po de verbo da oração e mudança de turno.

A autora assinala um aspecto importante: a influência de matizes de tipo pragmático-estilístico na aparição do pronome. Segundo ela, é maior a percentagem de uso do pronome quando é mais baixa a taxa de referência do falante a si próprio. "Quanto menos o falante se refere a si mesmo, maior a probabilidade de expressar-se como eu". Essa observação é importante para o nosso trabalho, já que estamos pesquisando o emprego do pronome de P1.

2.2.1.2 - A variação do sujeito no português

Os dois trabalhos agora apresentados tratam sobre o português falado da região do Rio de Janeiro e não se restringem à questão do pronome.

No primeiro trabalho, Naro (apud Silva, 1988) analisa o apagamento do pronome sujeito de terceira pessoa do plural na fala de analfabetos. O autor examina o efeito da variação de concordância (aplicação ou não da regra de concordância verbal) e do grau de concordância (desinência verbal mais ou menos saliente) na distribuição de sujeitos vazios. A hipótese levantada inicialmente foi a de que deveriam ocorrer sujeitos vazios mais frequentemente com verbos de desinência forte, mais saliente, do que com os de desinência menos saliente. Essa hipótese é confirmada em seus resultados. Ainda, ao examinar os casos em que a regra de concordância verbal não se aplicou, ele verifica que há uma tendência maior a apagar o sujeito dos verbos de desinência mais saliente para se evitar construções estigmatizadas como "eles falou". A presença dos pronomes sujeitos, em seus dados, é reduzida mesmo com a perda das desinências pessoais. Em nossos dados, não há casos em que a concordância verbal na primeira pessoa do singular não é feita, e verificamos que o pronome sujeito de P1 tanto é usado com formas verbais mais salientes, quanto com formas verbais menos salientes.

O segundo trabalho é o de Lira(1982) que, como foi estudado por nós, será comentado no próximo item.

2.2.2 - A pesquisa de Lira

Lira(1982) faz um estudo sobre sujeito pronominal e zero, bem como anteposição ou posposição do sujeito expresso, no português falado no Brasil. Em seu trabalho, ela utiliza dados do português falado no Rio de Janeiro. São analisadas as expressões do sujeito das três pessoas gramaticais. Para isso, ela investiga fatores lingüísticos e extra-lingüísticos. Os fatores extra-lingüísticos não mostraram influência no tipo de sujeito, exceto o fator sexo, demonstrando um pequeno favorecimento pelas mulheres do uso do pronome sujeito.

Os fatores lingüísticos analisados foram: referência de pessoa, tipo de oração, status informacional, mudança de referência, animação do sujeito, flexão do verbo e ambigüidade.

O primeiro deles, referência de pessoa (pessoa do sujeito) tem, segundo Lira, um forte efeito ao determinar se o sujeito é pronominal ou zero. Vamos nos referir somente à 1ª. pessoa do singular (P1), já que nosso trabalho se restringe a essa pessoa gramatical. A autora diz que, segundo seus dados, a 1ª. pessoa não favorece o sujeito pronominal. A frequência de sujeitos pronominais e zero é quase a mesma e a explicação dada por Lira é a de que, embora a referência de P1 seja recuperada pelo contexto (exófora), o caráter egocêntrico do discurso o torna mais frequente que o necessário.

O tipo de oração em que se encontra o sujeito investigado, segundo Lira, tem possibilidade de influenciar o tipo

de sujeito. Os tipos de orações levantados por ela foram: orações independentes, orações principais, orações subordinadas e orações coordenadas. Além de diferenciar o papel sintático das orações, ela examina a ordem que algumas delas ocupam no período (orações coordenadas iniciais e não-iniciais).

Um outro fator é o status informacional do sujeito. O referente do sujeito, segundo Lira, pode ser novo ou velho. Ele é novo quando não foi mencionado no discurso precedente. Esse fator, então, só tem procedência para a análise de sujeitos de 3a. pessoa, já que 1a. e 2a. pessoas são sempre informação velha, são reconhecidas a partir de conhecimentos extra-linguísticos. Sendo assim, não levamos em conta tal fator em nosso trabalho.

Sob o rótulo de informação nova/velha, Lira investiga se o sujeito examinado era dado na oração anterior, em duas orações anteriores ou em três ou mais orações anteriores. Ela, com essa investigação, esperava que um referente novo e um referente mencionado em três ou mais orações favorecessem o emprego do pronome sujeito. Parece-nos que tal investigação está mais relacionada a outro fator, a distância referencial, apresentado por Givón, que será visto à frente.

Os fatores mudança de referência do sujeito e ambigüidade da forma verbal são coincidentes com os dos trabalhos já apresentados.

A animação do sujeito é um fator não procedente na análise de sujeitos de Pl, já que todo sujeito de Pl é necessariamente animado. Dessa forma, não estudaremos esse fator.

O fator da flexão verbal foi levantado para se pesquisar se a taxa de sujeitos pronominais seria mais baixa com formas verbais flexionadas, que contêm informação sobre o referente do sujeito, do que com formas verbais não-flexionadas. Mas Lira reúne entre as formas não-flexionadas casos de infinitivo, em que a flexão é opcional, segundo a língua padrão, e casos de não-aplicação da regra de concordância verbal. Como assinala Silva, esses dois tipos de uso da forma verbal têm origens e motivações distintas e não deveriam, portanto, ser reunidas sob a classe da não-flexão.

Em nosso trabalho, como já foi dito, desconsideramos as formas verbais de infinitivo que são usadas obrigatoriamente sem o pronome sujeito, e não encontramos casos em que a concordância verbal não fosse feita na 1a. pessoa do singular. Os casos em que as formas verbais de P1 coincidem com as de P3 (3a. pessoa do singular) foram examinados como ambigüidade da forma verbal.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS FATORES LEVANTADOS COMO RESPONSÁVEIS PELA EXPRESSÃO OU NÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

Começamos o nosso trabalho com a contagem das ocorrências de P1 em nossas entrevistas. Encontramos ao todo 370 ocorrências de P1, sendo que o pronome eu aparece acompanhando o verbo em 293 ocasiões, em 3 vezes ele aparece com o verbo elíptico e em apenas 74 ocorrências ocorre a omissão do sujeito pronominal. O quadro 1. abaixo, nos mostra esses dados também em termos percentuais:

P1	Ocorrências	%
emprego	296	80
omissão	74	20

Quadro 1

A presença do pronome sujeito de P1, como podemos ver, é bem maior que sua omissão, o que comprova a nossa observação de que o uso do pronome pessoal sujeito é quase obrigatório.

Diante dos números obtidos, partimos para a investigação dos fatores que poderiam estar determinando o emprego do pronome sujeito de P1 no discurso oral espontâneo, mesmo quando ele é desnecessário sintaticamente.

Os primeiros fatores que investigamos são os aponta-

dos pelas gramáticas tradicionais como condicionadores do uso dos pronomes pessoais sujeitos. Em seguida, investigamos os fatores apontados nos trabalhos variacionistas, expostos no capítulo anterior, como possíveis condicionadores da expressão ou não do sujeito pronominal.

3.1. Fatores apontados pelas Gramáticas

Como vimos no capítulo anterior, as gramáticas tradicionais consideram os pronomes pessoais sujeitos desnecessários, e recomendam o seu emprego apenas: 1 - quando se quer dar ênfase ou chamar a atenção para o sujeito da oração; 2- quando há a necessidade de contraste ou oposição entre duas pessoas diferentes; 3 - quando a forma verbal não possui marcação de pessoa, ou seja, quando ela é comum à 1a. e à 3a. pessoa do singular.

3.1.1 - Ênfase do sujeito

O pronome pessoal sujeito pode ser usado quando se quer chamar a atenção ou realçar a pessoa do sujeito. As gramáticas tradicionais utilizam a noção de ênfase para explicar o uso dos pronomes sujeitos, mas não definem claramente esse conceito. Assim, em nosso trabalho, para detectarmos os casos em que o pronome foi usado com esse objetivo, procuramos, primeiramente, levantar os recursos que normalmente são usados para se realçar um termo na oração:

a) o deslocamento do termo na oração (posposição do sujeito): "Quando se quer chamar a atenção especialmente para o sujeito da frase, desloca-se o mesmo para depois do verbo por adquirir assim intonação mais forte: Se nenhum de vós quiser ir, irei eu!" (Saïd Ali, 1964:201);

b) o reforço: "a adjunção de palavras ou expressões que, de algum modo, valorizam o papel do sujeito."(Silva, 1988: 201);

b.1) o uso da locução de realce é que, como sugere a gramática tradicional, ou o uso de uma construção clivada :
Eu é que vi o menino;

b.2.) o uso de construção encaixada: uma oração subordinada adjetiva modificando o pronome sujeito faz com que ele seja realçado;

b.3) o uso de um aposto se referindo ao pronome sujeito pode também realçá-lo;

b.4) o uso de mesmo ou próprio juntamente com o pronome sujeito pode reforçá-lo.

c) a acentuação (stress): quando pronunciamos com maior intensidade o pronome para enfatizá-lo.

Esses recursos não foram amplamente usados por nossos informantes para o realce do pronome sujeito de P1. Foram encontrados apenas 9 casos em que o pronome eu foi enfatizado.

Houve somente um caso em que o pronome sujeito está posposto ao verbo, como nos mostra (9):

- (9) *Por que que ocê tem que aplicar essa prova?*
Porque sou eu que faço, eu que tenho que
corrigir. (FC: 7)

Esse tipo de construção por si só é enfática, mesmo sem a posposição do pronome sujeito. De qualquer forma, esse foi o único caso em que houve a posposição do sujeito pronominal. O pronome pessoal sujeito de P1 é frequentemente usado em sua posição normal, não-marcada, antes do verbo.⁽⁴⁾

Houve exemplos de realce do pronome sujeito devido ao reforço:

- (10) *ai eu mesma poderia ficar na casinha ou*
ocê tanto faz.. (MA: 5)

e houve também exemplos de pronomes pronunciados com maior intensidade:

- (11) *Eu no princípio eu tava estudando sabe?* (MA: 10)
 (12) *É eu também eu pessoalmente eu não vejo sabe?*
 (EL: 2)

Os pronomes que estão grifados foram fortemente pronunciados, são tônicos, mas os demais foram pronunciados juntamente com as formas verbais que os seguem, formando eles e os verbos uma unidade fonológica.

Resumindo, em 296 casos de emprego do pronome sujei-

to de P1, apenas 9 se deram em situações em que o pronome foi realçado. Em termos percentuais, significa que 3% dos casos de emprego do pronome eu ocorrem quando há a necessidade de enfatizar o sujeito da oração. Com tal resultado, podemos dizer que esse não é um fator que por si só possa explicar a presença do pronome pessoal sujeito de P1, no discurso espontâneo.

3.1.2 - Contraste entre os sujeitos

Segundo as gramáticas tradicionais, o pronome pessoal sujeito pode ser usado quando há contraste ou oposição entre os sujeitos. O conceito de contraste também não é definido pelas gramáticas. O que entendemos por contraste, então, é que seja a oposição de pessoas gramaticais diferentes, como é exemplificado em: "Eu rio, tu choras".

Encontramos, em nossas entrevistas, apenas 9 casos em que há uma certa oposição entre os sujeitos, embora não tão forte quanto a exemplificada acima.

(13) eu perguntei ele falou quatro gotas ... de
6 em 6 horas. (ML: 2)

(14) eu encontrei com ele aqui ele tava assim...
(EL: 6)

(15) Porque quando eu falei pra M. alugar ela falou assim:... (MA: 2)

Nos exemplos acima, os pronomes podem ter sido usados para estabelecer um contraste entre as pessoas diferentes .

Nesses casos, o seu emprego é necessário, como reconhecem as gramáticas tradicionais. Mas, como já mencionamos, houve apenas 9 casos de oposição de sujeitos, o que, em termos percentuais, significa 3% dos empregos do pronome pessoal sujeito de P1. Dessa forma, também não podemos considerar esse fator como significativo para explicar a presença marcante do pronome sujeito no discurso oral espontâneo.

3.1.3 - Forma verbal comum à 1a. e 3a. pessoas do singular

O emprego do pronome pessoal sujeito é recomendado quando se usam formas verbais não-marcadas, ou seja, as que não possuem desinência número-pessoal como em (16):

(16) Eu dava muito pra J .. Eu dava gemada. (ML:6)

A forma verbal dava é comum à 1a. e à 3a. pessoa do singular. Para identificarmos, então, o seu sujeito, faz-se necessária a presença do pronome sujeito. Pontes(1987:26)assinala que "em português coloquial a flexão do verbo, que tem a função de contribuir para identificar o referente, está desaparecendo, chegando em alguns casos à completa ausência de flexão",e mais, "o enfraquecimento do papel da flexão verbal para a identificação do referente aumenta a importância do pronome-pessoal, que se torna o único meio para o falante deixar claro o sujeito a que ele se refere".

Em nossas entrevistas, em 367, encontramos 45 formas

verbaís sem desinência pessoal. Isso equivale a apenas 12% das formas verbais usadas por nossos informantes. Praticamente todas elas estão acompanhadas pelo pronome sujeito. Em dois casos, no entanto, o pronome não aparece juntamente com o verbo:

(17) *Eu sempre cobrava, cobrava, cobrava, agora não, eu tô mais relaxada sabe?* (MA: 10)

No exemplo (17), temos a forma verbal cobrava usada repetidas vezes. Na primeira vez em que ela foi usada, o pronome aparece; nas outras duas, como ela é repetida, mantendo o sujeito da oração, o pronome pôde ser dispensado sem causar qualquer ambigüidade na frase.

O pronome sujeito de P1 não aparece imediatamente antes dessas duas formas verbais não-marcadas, mas ele foi anteriormente usado, está, pois, presente no período, e ele é o único SNsujeito no período, o que evita dúvidas com relação ao sujeito das formas verbais.

Assim, podemos dizer que, com formas verbais não-marcadas, a presença do pronome se faz obrigatória, quando o discurso não esclarece o sujeito da oração.

3.1.4 - Conclusão

Dos três fatores apontados pelas gramáticas tradicionais como condicionadores do emprego do pronome pessoal sujeito, na língua escrita, vimos que, na língua oral, somente um, o uso da forma verbal não-marcada, condiciona, de fato, a presença do

pronome. Temos, então, um fator responsável pelo uso do pronome sujeito em determinada circunstância.

Entretanto, é importante frisarmos que a grande maioria das formas verbais de P1 utilizadas por nossos informantes são marcadas, só se referem à 1a. pessoa do singular e a mais ninguém. E ainda, 250 (78%) dessas formas verbais, apesar de não serem ambíguas, estão acompanhadas pelo pronome eu e somente 72 (22%) aparecem sem o pronome. Resta-nos, então, passar para a investigação de outros fatores que podem estar condicionando o emprego do pronome sujeito de P1.

3.2 - Fatores pesquisados em trabalhos variacionistas

3.2.1 - Mudança de referência

Chama-se mudança de referência ao fato de o referente de sujeito de uma determinada oração não ser igual ao referente do sujeito da oração anterior. Silva-Corvalán (apud Silva, 1988) levanta a hipótese de que, se o sujeito da oração examinada é o mesmo da oração precedente, há a maior probabilidade de o pronome pessoal sujeito ser omitido, e se o sujeito da oração examinada é diferente do sujeito da precedente, deve acontecer o contrário, há a maior probabilidade de o pronome ser usado.

Para verificarmos a influência da mudança de referência no emprego ou omissão do pronome sujeito de P1, em nossas entrevistas, consideramos como vizinhas todas as orações que compõem os diálogos, mesmo que elas pertencessem a períodos di-

ferentes e até a enunciados (falas) diferentes.

O quadro 2, abaixo, contém os resultados que obtivemos:

Ocorrência de pronome sujeito quanto a fator Mudança de Referência.

	Emprego		Omissão	
+ Mudança de referência	186	89%	23	11%
- Mudança de referência	110	68%	51	32%

Quadro 2

Pelos números apresentados no quadro 2, vemos que, quando há mudança de referência o emprego do pronome aumenta, se comparado com a totalidade dos casos, e a omissão diminui. Agora, quando não há mudança de referência, quando o sujeito das orações vizinhas é o mesmo, o emprego do pronome diminui e sua omissão aumenta. Com esses números, então, vemos que a hipótese de Corvalân se confirma também com nossos dados.

Mas é importante ressaltar que, mesmo que haja uma diminuição do emprego do pronome sujeito nos casos em que não há mudança de referência, o seu uso ainda é superior à sua omissão.

Assim, embora esse fator seja pertinente para a ex-

plicação do emprego ou da omissão do pronome sujeito de P1, ele não é suficiente, já que não pode explicar a grande presença ainda dos pronomes quando o sujeito das orações vizinhas é idêntico.

Silva (1988) assinala que, ao se investigar a oração anterior à examinada para se verificar o seu sujeito simplesmente, não se leva em conta a relação que têm as orações na organização do discurso. Não se leva em conta que a oração precedente pode ser a última do enunciado ou então pode ser uma oração intercalada, por exemplo, que não tem relação com as orações examinadas. Dessa forma, esse critério desconsidera o encadeamento das orações na organização do discurso.

Sendo assim, devemos examinar um outro fator que tente explicar o emprego do pronome sujeito considerando a sua relação com a conexão do discurso.

3.2.2 - Conexão do Discurso

Esse é um importante fator para a pesquisa sobre o emprego ou a omissão do sujeito pronominal, uma vez que o grau de conexão existente entre orações pode condicionar um maior ou menor uso do pronome sujeito. Ou seja, em seqüências em que há a conexão, espera-se que o pronome não seja usado, enquanto que, se há quebra da conexão, espera-se que sua frequência seja maior.

Há alguns trabalhos que tratam sobre esse fator (conexão, continuidade), e baseados neles, fizemos a nossa análise.

se. Por uma questão de ordem, comentaremos cada trabalho separadamente, acrescentando nossos resultados à medida que cada um for sendo exposto.

3.2.2.1 - Li & Thompson (1979)

Li & Thompson estudam a alternância entre o sujeito pronominal de 3a. pessoa e a anáfora zero, em narrativas escritas do chinês. Eles mostram que, no discurso escrito chinês, a não ocorrência do pronome anafórico é predominante, é a situação normal, não-marcada.

Eles escolhem três pequenas narrativas da literatura chinesa, retiram delas todos os pronomes sujeitos, e pedem a alguns falantes nativos que indiquem onde eles acham que um pronome poderia ser usado. A partir dos resultados que obtiveram, eles confirmam sua hipótese inicial de que a anáfora zero é a regra no discurso chinês, e, ainda, verificam que existe uma variação entre os falantes em seu julgamento a respeito do uso ou omissão do pronome anafórico.

Examinando os resultados individuais, eles conseguem captar certas tendências que contribuíram para essa variação e que os levaram a formular um princípio básico que governa a ocorrência de pronomes no discurso chinês:

"O grau de preferência para a ocorrência de um pronome numa oração corresponde inversamente ao grau de sua conexão com a oração precedente." (1979:330)

A conexão (conjoinability) é definida com base nas propriedades sintáticas e semânticas das orações examinadas, com base no conhecimento pragmático dos falantes e também no contexto discursivo em que essas orações se inserem. E ainda, segundo os autores, a conexão não é invariável ou absoluta, mas uma questão de grau.

Retornando a seus resultados, Li & Thompson determinam algumas restrições gerais à conexão, ou seja, algumas situações em que há o enfraquecimento da conexão e, conseqüentemente, o aumento das percentagens de emprego dos pronomes:

1 - A primeira restrição ocorre quando as orações examinadas apresentam mudança de plano no discurso (como denomina Silva, 1988), isto é, quando uma oração apresenta informação sobre um primeiro plano (foreground) e outra oração remete ao segundo plano (background), que traz uma informação complementar. Encontramos esse fenômeno em nossas entrevistas como exemplificamos em (18):

(18) *E a barriga dele ele não deixa de mostrar..
eu falando o negócio do exercício que a que
a professora pediu pra fazer exercício(...) que
aquele ali tinha muita massa que podia
jogar aquilo lá dentro não sei quê, ele fa-
lou assim não e se fosse a minha então e mos-
trou aquele barrigão assim.. gente, que afli-
ção!* (El: 7)

A oração iniciada pelo pronome eu quebra a seqüência precedente para introduzir uma informação que vai ser necessária para o comentário iniciado, que é continuado a seguir.

Encontramos em nossas entrevistas apenas dois casos em que ocorre a mudança de plano, talvez devido ao fato de trabalharmos com diálogos, em que as narrativas, quando há, costumam ser breves.

2 - A segunda restrição se deve ao uso de expressões adverbiais que assinalam o início de uma nova oração, mais do que a conexão entre elas. As expressões adverbiais (advérbios ou locuções adverbiais) são aquelas que equivalem a advérbios, exprimindo circunstâncias, quer de tempo, como aí, então, quer de afirmação, como pois é, quer de contraste, como mas, etc. . Em nossos dados encontramos muitos exemplos desses casos:

(19) *É guardar é. Mas eu gostaria de poder usar ela lá porque eu gosto acho que compõe meu quarto mas eu acho que uma cortininha de crochê ia ficar bonita com..* (MA: 7)

(20) *-É a gente vê se o dia tiver chuvoso já põe a corrente.*
-Aí eu ponho ela no asfalto, a gente entra no barro, não tem problema. (FC: 4)

(21) *-Eu tô praticamente duro.*
-Não mas aí eu deixo o meu dinheiro eu pago a ele. (MA: 7)

Essas expressões adverbiais (como as denominam os autores) reduzem o grau de conexão entre as orações, ocasionando, assim, o emprego do pronome sujeito.

3 - A terceira restrição se dá quando há interferência de um outro falante e conseqüente mudança de turno no diálogo. Segundo Li & Thompson, há a quebra da conexão entre duas orações quando elas são faladas por pessoas em diferentes turnos, mais do que quando são faladas pela mesma pessoa num mesmo turno. Ou seja, a conexão está relacionada com a troca de turno na conversa; com a interferência de outro falante, quebra-se a conexão e sente-se maior necessidade do emprego do pronome sujeito.

O maior número de exemplos de quebra da conexão que temos em nossos dados são de troca de turno na conversa, pelo fato de serem extraídos de diálogos.

Encontramos ainda em nossas entrevistas outras restrições à conexão, além dessas três apresentadas pelos autores.

Temos situações em que enfraquecimento da conexão se dá por alguma interrupção do próprio falante, como em (22) e (23):

(22) *Eu vou .. eu tô pretendendo sair daqui, quer dizer eu .. não decido nada dependendo do C. nê? mas eu tava querendo que a gente saísse daqui sexta à tarde ..* (MA: 4)

(23) *Eu falei que o C. tá com bronquite .. e que a bronquite eu tava dando o Aerolín desde on-*

tem e que não tava melhorando, tava piorando .. (ML: 2)

Nesses exemplos, o próprio falante interrompe sua sequência de pensamento com a introdução de uma oração intercalada cujo sujeito é o pronome eu, aí expresso, então, novamente.

Encontramos também exemplos em que uma pausa, dentro do enunciado, parece ter quebrado a conexão entre as orações , fazendo com que o pronome apareça:

(24) *estilo mais romântico ... eu acho que ia ficar bom sabe? pra...* (MA: 7)

(25) *Agora, amanhã eu vou sair ... e eu não tirei leite até agora.* (ML: 8)

Em muitas ocasiões, vai haver mais de uma restrição à conexão, como nos exemplos (20) e (21), em que, além da interferência de outro interlocutor, há o uso de alguma expressão adverbial.

Fizemos um levantamento dos casos de quebra da conexão que encontramos em nossas entrevistas e obtivemos o seguinte resultado:

Restrições à conexão do discurso	Emprego		Omissão	
Mudança de plano do discurso	2	100%	0	0%
Uso de expressões adverbiais	65	86%	11	14%
Troca de turno na conversa	80	80%	20	20%
Interferência do próprio falante	8	100%	0	0%
Pausa num mesmo enunciado	18	72%	7	28%
T O T A L	173	82%	38	28%

Quadro 3

Vemos, pelo quadro 3, que, em nossos dados, há apenas dois casos em que a quebra da conexão se dá devido à mudança de plano no discurso, e nesses casos o pronome sujeito é empregado. Também, quanto à interferência do próprio falante em seu discurso, há somente oito casos, e em todos eles o pronome eu é usado. Embora, então, tenha havido 100% de emprego do pronome sujeito com essas restrições à conexão, não queremos afirmar que, nesses casos, seu emprego é obrigatório, já que os números que possuímos são pequenos, constituindo um reduzido espaço amostral, o que impossibilita fazermos uma generalização.

Temos 65 exemplos (86%) em que o pronome sujeito de P1 é usado quando a oração em causa é iniciada por expressões adverbiais. Com essa restrição, então, há um aumento, em termos percentuais, das ocorrências de pronome sujeito, em comparação com a totalidade dos casos (80%). Esse aumento parece mostrar que, com essa restrição, há uma relação entre o enfraquecimento da conexão e o emprego do pronome pessoal sujeito.

Quando há troca de turno na conversa, temos 80 casos de emprego do pronome, mas em termos percentuais, os números de seu emprego permanecem sem alteração. Então, apesar de a intervenção de outro falante provocar uma quebra na conexão do discurso, fazendo com que o falante se recoloque através do pronome eu, essa restrição não é suficiente para mostrar a relação entre a presença do pronome sujeito de P1 e o enfraquecimento da conexão.

Nas ocasiões em que há pausa dentro do enunciado, ao contrário do que esperávamos, temos apenas 18 exemplos em que o pronome sujeito aparece, ou seja, 72% de uso do pronome. Esses números nos mostram um decréscimo em seu emprego. Mas, de qualquer forma, esse índice (72%) aponta para uma grande maioria de emprego do pronome sujeito em relação à sua omissão.

Quando há restrições à conexão do discurso temos um aumento do emprego do pronome em termos percentuais. Mas esses casos representam apenas 58% do total de seu emprego.

Essa variável de conexão do discurso, então, apesar de, como assinala Silva (1988, p. 145), levar "em conta algum tipo de informação que não é sintática no sentido estrito, mas

decorre do próprio modo de organização do discurso", diferentemente de outras variáveis, não se mostra suficiente para explicarmos ou captarmos tendências para a grande presença do pronome sujeito de P1, no discurso oral espontâneo.

3.2.2.2 - Givón (1983)

Givón, em seu trabalho sobre a continuidade tópica no discurso, assinala que a sentença é a unidade básica do processo de informação no discurso humano. As sentenças se agrupam formando cadeias de unidade temática, e a essas cadeias ele chama de parágrafos temáticos. O parágrafo temático, para Givón, "is the most immediately relevant level of discourse within which one can begin to discuss the complex process of continuity in discourse."(p.7)

Dentro do parágrafo temático, é mais comum que um tópico seja o marcador de continuidade, o "leitmotif", ou seja, dentro dessa cadeia de sentenças com o mesmo tópico, o tópico principal permanece o mesmo nas orações, ou sentenças, que formam o parágrafo. Então ele é o mais contínuo de todos os tópicos mencionados nas várias orações do parágrafo.

Givón propõe três medidas discursivas, para que a continuidade tópica seja avaliada: 1 - distância referencial: se o tópico está presente na oração anterior, ele é, por definição, mas fácil de ser identificado; 2 - interferência potencial de outros tópicos: se não há outros tópicos presentes no discurso precedente, a identificação do tópico é mais fácil, mas, se há outros tópicos, mais difícil é a tarefa de sua i-

dentificação; 3 - persistência: tópicos discursivos mais importantes aparecem mais frequentemente no registro, ou seja, eles têm maior probabilidade de persistir por mais tempo no registro, depois de um ponto relevante.

Apesar de, como assinala Silva (1988), essa avaliação ser feita de modo quase mecânico - contando-se as orações à esquerda ou à direita, por exemplo, sem se considerar a relação delas com o discurso precedente ou conseqüente - achamos que seria interessante fazermos tal avaliação com nossos dados, para vermos se obteremos resultados semelhantes aos obtidos em trabalhos com narrativas escritas, em que essas medidas avaliaram, de fato, a continuidade tópica.

Primeiramente analisamos a distância referencial. Com esse critério, Givón quer mostrar que quanto mais próximo a ocorrência do referente está de sua menção anterior, mais contínuo ele é, e assim deve realizar-se como zero. Então, se a menção do referente de sujeito se encontra na primeira oração anterior (distância 1), tem-se distância mínima e continuidade máxima. Mas se a menção do referente se encontra a distâncias maiores, a continuidade decresce, podendo ser mínima até.

Para a contagem de nossos dados, seguimos a codificação utilizada por Silva (1988: 180): a) a primeira menção do referente; b) a menção do referente na oração imediatamente precedente; c) na segunda oração precedente; d) da terceira oração precedente para trás. Não distinguimos, assim como Silva, se a referência prévia ou a primeira menção eram feitas através de anáfora zero ou de uma forma pronominal, reta ou oblíqua.

A contagem das orações foi feita dentro de cada enunciado, exceto quando, apesar de uma interrupção de outro interlocutor, o enunciado era continuação do precedente. Nossos resultados são mostrados no quadro 4:

Ocorrência de pronome sujeito quanto ao fator distância do referente

	Emprego		Omissão	
Distância 0 (1a. menção)	111	87%	17	13%
Distância 1 (or. anterior)	109	70%	47	30%
Distância 2 (2 or. anteriores)	24	83%	5	27%
Distância 3 (3 ou + or. ant.)	52	91%	5	9%

Quadro 4

Pelo quadro 4, vemos que, na 1a. menção do referente há um aumento do emprego do pronome sujeito de P1, se comparamos com a totalidade dos casos. Isso mostra que, em conversas informais, a 1a. menção é feita de modo explícito, com o uso do pronome, para que o referente de sujeito seja logo identificado.

Na distância 1, que é a de máxima continuidade, segundo Givón, vamos ter um decréscimo do emprego do pronome e um

aumento da omissão. O esperado era que, na distância 1, a omissão fosse máxima, mas, no discurso espontâneo, o índice de emprego do pronome sujeito de P1, também nessa situação, é bastante elevado (70%).

O aumento da ocorrência de sujeito pronominal e consequente decréscimo da omissão do pronome nas distâncias 2 e 3 já era esperado, uma vez que a omissão a maiores distâncias do antecedente dificulta a identificação do referente de sujeito.

Apesar de nossos dados estarem de acordo com a idéia de que o emprego do pronome sujeito aumenta à medida que a distância entre a menção do referente e o referente aumenta, vemos que o número de ocorrências de pronomes de P1 em todas as situações é ainda bem elevado, bem superior ao de omissões.

A segunda medida proposta por Givón é interferência potencial ou ambigüidade. Ela se baseia na presença ou ausência de outros referentes que possam interferir na sequência do referente/tópico estabelecido anteriormente, confundindo-os. O registro precedente foi arbitrariamente definido, "segundo Givón, entre uma a três orações à esquerda.

"If a topic has already occupied a dominant/continuous position and unambiguous identification within the last 3 clauses in the register, the presence of other, potentially-interfering topics further away in the preceding register does not interfere as significantly with the task of topic identification." (1983: 14)

O tópico potencialmente interferente é aquele que tem

"compatibilidade semântica" com o tópico dominante, ou seja, que é animado, humano, agente ou que possua outros traços de sujeito ou objeto, segundo Givón.

Então, se o tópico é o mesmo dentro das três últimas orações, podemos considerar essa cadeia de orações como contínua, em que a identificação do tópico/sujeito é mais fácil. E, nesse caso, podemos pensar que a omissão do pronome sujeito deva ser maior que seu emprego, já que, na escala de continuidade, proposta por Givón, que classifica os recursos sintáticos em mais contínuos e mais descontínuos, a anáfora zero indica a continuidade máxima.

Para a contagem de nossos dados, consideramos tópico e sujeito como representando a mesma entidade lingüística, já que, como assinala Pontes (1986: 177), "... as definições de sujeito e tópico se confundem. Tanto um quanto outro parecem corresponder 'àquilo ou àquele de quem se declara alguma coisa'. Sendo assim, qual a necessidade de dois termos, se as definições são iguais?". E ainda, na maior parte de nossas entrevistas, que são diálogos informais, o tópico predominante é o pronome eu, que é o sujeito da oração.

Fizemos a contagem das situações em que há um só tópico predominante e das em que há mais de um tópico, e obtivemos o seguinte resultado:

Ocorrência do pronome sujeito quanto ao fator interferência pontencial

	Emprego		Omissão	
Um só tópico predominante	187	76%	58	24%
Mais de um tópico	109	87%	16	13%

Quadro 5

Então, nos períodos em que há um só tópico ou um só tópico predominante, ou seja, nos períodos em que o pronome sujeito de P1 é o único tópico ou é o principal, ocorre um decréscimo do emprego do pronome e um conseqüente aumento de sua omissão. Como há continuidade entre as orações do período, o pronome pode ser omitido. Já se há mais de um tópico no período, o emprego do pronome é que aumenta.

Mas, apesar de nossos dados mostrarem que, quando há continuidade tópica, o número de omissões aumenta, em comparação com a totalidade dos casos ($24\% > 20\%$), podemos ver que as ocorrências do pronome sujeito de P1 continuam com grande maioria (76%).

A terceira medida é persistência. Essa medida é feita em termos de número de orações à direita, isto é, leva-se em conta o discurso conseqüente à oração examinada. Se o referente/tópico não é o mesmo da oração conseqüente, ele é assinalado com

o menor valor, zero. Se ele persiste, pode ter média ou máxima continuidade.

O sujeito de P1, em nossas entrevistas, é persistente, ou seja, é o mesmo da oração conseqüente, em 145 ocorrências, 39% de todas as ocorrências de P1. O quadro 6 nos mostra os resultados desse fator com a presença e a ausência do pronome sujeito:

Ocorrência de pronome sujeito quando ao fator persistência

	Emprego		Omissão	
Tópico/sujeito persistente	112	77%	33	23%

Quadro 6

Quando há persistência, então, vemos que há também continuidade e, dessa forma, cresce em termos percentuais o número de omissões do pronome sujeito.

Pela análise dessa variável, podemos ver que os números de omissão do pronome pessoal sujeito de P1 vão aumentar nas situações em que a continuidade tópica é máxima, e vão diminuir à medida que o grau de continuidade do discurso vai decrescendo. Entretanto, os números de emprego do pronome, embora diminuam quando há máxima continuidade, vão representar pelo menos 70% das ocorrências de P1.

3.2.2.3 - Silva (1988)

Silva, a partir da idéia lançada por Li & Thompson (1979) de que a variável da conexão do discurso pode condicionar a presença ou a ausência do sujeito pronominal, estabelece uma escala de conexão de seis graus, em que acompanha o percurso do referente-sujeito da frase. Essa escala, segundo Silva, considera aspectos do contexto discursivo compreendido entre a ocorrência do referente do sujeito e sua menção anterior, que são mudanças de plano do discurso ou interferências de outros falantes ou uso de expressões adverbiais, etc.. Com essa escala, então, podemos acompanhar detalhadamente o percurso dos sujeitos de P1, responsáveis pela conexão do discurso, que pode ser ótima, como denomina Silva, ou não, dependendo da existência ou inexistência de alguma ruptura.

1 - Grau 1:

Considerado o grau mais alto na escala de conexão, o grau 1 consiste em seqüências nas quais se mantêm o mesmo referente de sujeito e o mesmo tempo e modo verbais. Não há, dessa forma, mudança de tópico, nem frasal nem discursivo, nas seqüências.

Consideramos essas seqüências como sendo orações sucessivas no enunciado, não importando se pertencem ao mesmo período ou não. Em orações em que há locuções verbais, examinamos apenas a primeira forma verbal. Vejamos os seguintes exemplos:

(26) Hoje eu falo com ele, eu lembro de falar com ele. (MA: 8)

(27) Mas (...) ontem eu eu deitei eu esqueci de falar ontem hoje acordei ele tava dormindo na hora que eu saí. (MA: 8)

(28) Às vezes eu fico até complexada .. porque.. já tô há tempo trabalhando com isso já sou professora trabalho na Universidade e não sei determinadas coisas eu não sei preencher não determinados formulários... (EL: 4)

Temos aqui seqüências em que o sujeito e o tempo e modo verbais são os mesmos, não havendo, assim, nenhuma quebra na conexão. Silva considera que este é o caso de conexão ótima e que a omissão do pronome sujeito é quase obrigatória.

Nossos dados (que são mostrados no quadro 7, à frente), entretanto, indicam uma grande presença do pronome sujeito de Pl, embora tenha havido uma diminuição de seu emprego em termos percentuais, se compararmos com os números totais que obtivemos.

2 - Grau 2:

O grau 2 consiste em seqüências em que se mantém o mesmo tópico/sujeito, mas em que vai haver mudanças no tempo e modo do verbo. A mudança da forma verbal é o reflexo, segundo Silva, "da passagem de figura a fundo. do real para o irreal, ou de um fato para um comentário".

Como trabalhamos com diálogos em que há bem poucos exemplos de mudança de plano no discurso, consideramos como seqüências de grau 2 aquelas em que há mudança na forma verbal e manutenção do sujeito.

- (29) Ah! sô se eu fizer... o desenho e eu deixo
o balão pra ver o que vai colocar. (FC: 2)
- (30) J., eu não lembro como que eu fazia essa
gemada, eu sei que eu fazia... (ML: 7)
- (31) Não, tô pensando que que eu falei do N ..
(FC: 5)

Em nossas entrevistas, o número de empregos do pronome sujeito de P1 vai aumentar nesse grau. Embora os sujeitos nas seqüências permaneçam os mesmos, os falantes usam o pronome diante do verbo em 84% dos casos de grau 2.

A distinção entre os graus 1 e 2, como assinala Silva, não é apreendida no estudo de continuidade de Givón, nem no fator mudança de referência, já que nesses estudos não se consideram mudanças nas formas verbais, mas apenas nos sujeitos.

3 - Grau 3:

Nesse grau a conexão é um pouco enfraquecida, uma vez que o referente de sujeito não é o mesmo da oração anterior, embora entre o sujeito e sua menção prévia haja apenas orações de curta extensão que não chegam a representar um corte na seqüência do discurso. As orações que se intercalam aí são normalmen-

mente as de sujeito inexistente. Assim, o sujeito não é o mesmo da oração anterior, mas nenhum outro sujeito participante é introduzido nesse intervalo. O pronome eu continua sendo o sujeito mais relevante da frase.

(32) Eu vi sabe que que eu vi (MA: 7)

(33) Por isso que eu tô falando: gente ê typewriter (risos) não tô entendendo machine a êcrire. (EL: 4)

(34) Mas eu acho justo. Aquele dia ê .. que foi marcar a reunião com o reitor .. eu achei a .. engraçado ... (EL: 10)

Em nossos exemplos de conexão de grau 3, encontramos, inseridas entre o referente de sujeito e sua menção anterior, orações de sujeito inexistente e, ainda, de sujeito indeterminado, incerto, de sujeito elíptico e de sujeito inanimado, que não chegam a representar um rompimento na sequência do discurso.

Nesse grau, o número de empregos do pronome sujeito de P1 diminui, decrescendo para 71%, enquanto aumentam os casos de omissão do pronome. Esse fato é peculiar, pois, se no grau 2, em que a quebra da conexão é menor do que no grau 3, houve um aumento dos casos de emprego do pronome sujeito, não deveria ocorrer agora uma diminuição desses casos, já que, quanto maior é o grau na escala de conexão, maior é a sua ruptura, e também maior deve ser o emprego do pronome

Esse resultado, então, nos leva a pensar que, em discursos orais espontâneos, essa escala de conexão não consegue explicar muitos casos de emprego do pronome sujeito de P1.

4 - Grau 4:

No grau 4, o referente de P1 passa de um papel secundário, exercido em sua última menção, a um papel central, em termos discursivos, ou seja, o referente ocorre anteriormente em outra função sintática, como pronome oblíquo ou possessivo, e passa a ser sujeito da oração. As ocorrências desse grau são poucas, como assinala Silva, porque, em suas cartas, o sujeito de P1 mantém-se no papel central na maior parte das vezes.

Também em nossas entrevistas o número dessas ocorrências é bastante reduzido, há um só exemplo em nossos dados, como nos mostra (35):

(35) *Aí o problema é meu. Mas eu gosto de ver a frequência justamente porque...* (EL: 3)

Como só há esse exemplo de conexão de grau 4, achamos que não podemos considerá-lo como um fator condicionante da expressão do sujeito de P1, pois essa amostra muito reduzida poderia levar-nos a generalizações que não corresponderiam à realidade.

5 - Grau 5:

Nesse grau a conexão do discurso é mais afetada, já

que surge, entre o sujeito em questão e sua menção anterior, um outro participante na função de sujeito. Esse outro participante pode ser o outro falante, uma terceira pessoa ou ainda outros indivíduos que se agrupem ao falante. Segundo Silva, "a volta do sujeito de 1a. pessoa é tida como uma retomada".

Em nossas entrevistas, vamos ter casos em que ocorre mudança de referência e outros em que uma oração que possui um outro sujeito se intercala entre as orações com sujeito de Pl.

(36) Então eu vou fazer isso então... amanhã, agora a MC não vai ter paciência pra fazer isso, vou falar pra ela fazer um suco de maçã.. (ML: 8)

(37) Então vou pensar, se se o papai disser que não tem condição de vir ninguém de C. eu vou falar pra ele vir. (MA: 7)

(38) (...) mas agora eu tô fazendo mesmo, cê entendeu? (...) mas mesmo assim teve uma aluna que chegou lá .. já tinha não sei quantas faltas nê? (...) ela me perguntou se podia continuar, aí eu não tive coragem de falar pra ela (...) que na verdade se fosse seguir ao pé da letra já não deu .. nê? Mas aí eu falei, vão esperar o seu .. rendimento (...) (EL: 3)

O número de emprego do pronome sujeito de P1 no grau cinco aumenta, o que mostra haver de fato nessa situação uma relação entre a quebra da conexão do discurso e o emprego do pronome sujeito.

6 - Grau 6:

O grau seis é o que possui conexão mais fraca na 1ª. pessoa, segundo Silva. Nesse grau ocorre mudança de tópico discursivo, ou seja, mudança do assunto tratado. Dessa forma, a probabilidade de emprego do pronome sujeito é maior que nos outros graus.

Consideramos como ocorrências desse grau casos em que há mudança de tópico discursivo e também casos em que o sujeito de P1 aparece uma só vez, não volta à cena por um bom tempo.

(39) Cê acha melhor? .. Eu acho que se ela não tiver ruim é melhor porque não tem perigo, se tiver chovendo não tem o perigo de a gente ter que ir a pẽ .. de atolar no caminho. Cê soube que a J. atolou no caminho? (FC: 3)

(40) Porque mesmo que a E. fosse, não o Z., mesmo que a E. fosse dava pra ir porque na casinha não vai ficar ninguém nê? ai eu mesma poderia ficar na casinha ou ocês tanto faz ... mas já mas já que ela não vai, ai fica com mais lugar nê? Eu chamei S. ela não deu res-

posta. (MA: 5)

- (41) A J., quando eu mudei pra esse apartamento aqui da rua Cura d'Ars ..., Nossa Senhora .. era uma atrás da outra crise que ela teve..
(ML: 3)

O emprego do pronome sujeito de P1 é quase total, 94%, nesses casos em que o grau de conexão é 6. Isso mostra que, em situações em que há quebra significativa da conexão, a presença do pronome se faz obrigatória.

Os poucos casos de omissão do pronome de P1 no grau 6 dessa escala, ocorrem em respostas, contexto, como veremos mais adiante, favorecedor de omissão do pronome.

O quadro 7 nos mostra os resultados da escala de conexão:

Ocorrência de pronome sujeito quanto ao fator conexão do discurso

Escala de Conexão	Emprego		Omissão	
Grau 1	99	69%	45	31%
Grau 2	51	84%	10	16%
Grau 3	15	71%	6	29%
Grau 4	1	100%	0	0%
Grau 5	66	88%	9	12%
Grau 6	63	94%	4	6%

Quadro 7

Como nos mostra o quadro 7, o emprego do pronome sujeito vai aumentando à medida que o grau de conexão vai aumentando, com exceção no grau 3, mostrando que, quanto menos coe-so é o discurso, maior é a necessidade do uso do pronome.

Pelo estudo dessa variável, vemos que, em seqüências em que há conexão/continuidade, o emprego do pronome sujeito diminui, em termos percentuais e, em seqüências em que há que-bra da conexão/descontinuidade, o seu emprego aumenta.

Entretanto, em todas as situações os números que ob-tivemos apontam sempre para uma presença majoritária dos pro-nomes.

Essa variável, assim, apesar de importante no estu-do da expressão do sujeito, pois a influencia, não é suficien-te para explicar o grande emprego do pronome sujeito no discurs-o oral espontâneo.

3.2.3 - Tipo de Oração

Segundo Lira(1982), existe a possibilidade de os ti-pos de oração influenciarem os tipos de sujeito: pronominal ou zero. Dessa forma, ela faz uma análise dos tipos de oração e da relação que há entre as orações e o uso ou omissão do pronome pessoal sujeito.

A partir de seu trabalho, fizemos, também, um estudo dos tipos de oração encontrados em nossas entrevistas e sua possível influência na ocorrência do pronome sujeito de P1.

Utilizamos a classificação adotada pelas gramáticas

tradicionais na divisão de nossas orações em: oração absoluta, que constitui a única do período; oração principal, que vem acompanhada por outra ou outras a ela subordinadas; oração subordinada; oração coordenada e oração intercalada, que figura, no período, sem relação sintática com o resto.

Preferimos adotar essa classificação, diferentemente do que faz Silva (1988), que divide suas orações em independentes, dependentes e principais, uma vez que essa terminologia dependente/independente pode conduzir a incertezas quanto ao sentido adotado, se se refere aos aspectos sintático, semântico ou discursivo. E também porque, dentre as orações independentes (principais, coordenadas e intercaladas), por exemplo, os números de emprego e omissão do pronome sujeito obtidos são distintos, merecendo, assim, análises distintas.

São orações subordinadas as orações substantivas, adverbiais e adjetivas. Foram excluídas da análise as orações adjetivas em que o pronome relativo é o sujeito, pois, como as sinala Lira, "elas geralmente não permitem um pronome pessoal" (p. 142) e em nossos dados não encontramos nenhum caso em que o pronome sujeito de P1 fosse usado juntamente com o pronome relativo que tem a função de sujeito da oração adjetiva.

As orações coordenadas foram subclassificadas em dois tipos: coordenada I, que ocorre em posição inicial e coordenada II, que vem depois da coordenada I, quer seja iniciada por conjunção coordenativa, quer não.

3.3.1 - Orações Absolutas

Lira, em seu trabalho, mostra que, com orações absolutas (ou independentes, como as chama), há maior número de omissões do que de emprego do pronome sujeito. Nossos dados, porém, nos apresentam um resultado diferente: o número de emprego do pronome sujeito de P1 é bem superior ao de sua omissão, e se comparamos esse número com o da totalidade dos casos de ocorrência do pronome sujeito, vemos que, em termos percentuais, praticamente não houve alteração:

Ocorrência de pronome sujeito quanto a fator or. absoluta

	Emprego		Omissão	
Na totalidade dos casos	296	80%	74	20%
Em orações absolutas	48	79%	13	21%

Quadro 8

Como podemos ver no quadro 8, o emprego do pronome eu é bem maior que sua omissão em orações absolutas. E acreditamos que poderia ser ainda mais, se não fosse o fato de que 9, das 13 omissões nessas orações, se dão em respostas a perguntas. Como afirma Lira, "esse contexto favorece o uso da concordância anafórica do verbo com o sujeito". Vejamos os exemplos (42) e (43):

(42) Cê cê vai comigo?

Vô uai! (MA: 6)

(43) Cê foi ã aula hoje?

Fui. Tô indo, minha filha, Deus sabe
como! (MA: 8)

Nesses exemplos, temos perguntas feitas diretamente a um dos falantes e, assim, o sujeito das respostas só poderia mesmo ser o pronome eu. Outro fator que contribui para a omissão ainda nesse caso é o uso de formas verbais marcadas, que não permitem, portanto, qualquer ambigüidade com relação ao seu sujeito.

Em outro exemplo de omissão do pronome em oração absoluta, há a repetição da forma verbal usada na oração anterior:

(44) eu falei como que eu dou? Dou sozinho?
(ML: 2)

O verbo grifado acima pode aparecer sem o pronome sujeito já que, além de ser marcado, é repetido, e o pronome já havia sido usado outras vezes anteriormente. A repetição da forma verbal favorece a omissão do pronome.

3.3.2 - Orações Principais

Muitas de nossas orações principais são coordenadas do tipo II com relação às orações anteriores. Então, por uma questão de ordem, resolvemos classificá-las como coordenadas II, já que, na análise de outros fatores condicionantes da expressão do sujeito, temos levado em conta a relação da oração examinada com a sua antecedente.

Assim, considerando como principais apenas as orações que não estão coordenadas às anteriores, obtivemos o seguinte resultado:

Ocorrência do pronome sujeito quanto ao fator or. principal

	Emprego		Omissão	
Na totalidade dos casos	296	80%	74	20%
Em orações principais	60	85%	11	15%

Quadro 9

O quadro 9 nos mostra que há um pequeno aumento dos casos de emprego do pronome, em termos percentuais, com relação à totalidade dos casos.

Ainda, dos 11 casos de omissão do pronome em orações principais, 4 são respostas, o que propicia a omissão, como vimos anteriormente.

Então, quanto ao fator oração principal, vemos que o pronome aparece acompanhando o verbo na grande maioria dos casos. Pudemos observar que os verbos mais utilizados nesse tipo de oração são verbos que exprimem sentimento ou opinião, como "acho", "estou pensando", e verbos "dicendi", que introduzem discursos diretos, como, "falei", "perguntei", etc..Segundo Silva(1988), com verbos desse tipo, que exprimem predominantemente um processo mental, não é necessária a explicitação do sujeito. ou seja, o emprego do pronome eu, já que seu uso é mais adequado à la. pessoa. Mas, em conversas espontâneas, o pronome ainda assim é muito usado.

3.3.3 - Orações Subordinadas

Com orações subordinadas, a presença do pronome pesoal sujeito de Pl é quase total:

Ocorrência de pronome sujeito quanto ao fator or. subordinada

	Emprego		Omissão	
Na totalidade dos casos	296	80%	74	20%
Em orações subordinadas	62	93%	5	7%

Quadro 10

Não apresentamos, separadamente, os números obtidos nos diferentes tipos de oração subordinada porque eles não se

mostraram significativos.

Apesar da observação feita por Ochs & Duranti (apud Silva, 1988) de que "a oração subordinada não é lugar para o sujeito mais proeminente", que, em diálogos registrados por nós, é o de 1ª. pessoa, encontramos um número maior de orações subordinadas com sujeito de P1 do que de orações absolutas e também de orações coordenadas I.

E, como está mostrado no quadro 10, há apenas 5 casos em que ocorre a omissão do pronome eu. Em 4 desses casos, observamos que o pronome já havia sido usado na oração precedente, como exemplificamos em (45):

(45) .. quem resolveu lá, eu que falei que vou
 pra fazenda... (FC: 5)

Noutros 3, a oração subordinada está justaposta à principal, mostrando, assim, uma maior aproximação entre as duas. A falta de conectivo e também de pausa entre as orações é que parece favorecer a omissão do pronome, já que se aumenta, dessa forma, a coesão entre ambas, como podemos ver em (46)

(46) eu falei dou a Amino-filina? (ML: 2)

Nesse exemplo, temos o uso do discurso direto, ou seja, a reprodução textual das palavras de quem fala. O interlocutor está aqui reproduzindo suas próprias palavras, e como o pronome sujeito já foi usado juntamente com o verbo "dicendi" fa-

lei, a omissão do pronome parece ser favorecida.

3.3.4 - Orações Coordenadas

Os números que obtivemos em orações coordenadas coincidem com os de Lira:

Ocorrência de pronome sujeito quanto ao fator or. coordenada

	Emprego		Omissão	
Na totalidade dos casos	296	80%	74	20%
Em orações coordenadas I	40	89%	5	11%
Em orações coordenadas II	78	66%	40	34%

Quadro 11

Nas orações coordenadas I, há um aumento dos casos de emprego do pronome. Provavelmente esse aumento se deva ao fato de essas orações ocuparem posição inicial no período; se elas vêm primeiro, são elas que trazem a informação sobre qual é o sujeito da oração, e assim é favorecido o emprego do pronome sujeito.

Já com as orações coordenadas II, temos a diminuição dos casos de uso do pronome e aumento das omissões. Segundo Lira, com essas orações ocorre regularmente a omissão do pronome, uma vez que elas são altamente "unidas" (conjoinable). Quanto

maior é o grau de conexão ou unidade entre duas orações, menor é a probabilidade da ocorrência de um pronome sujeito na segunda oração:

- (47) .. quando eu tenho que fazer as coisas
correndo então aĩ que eu erro erro em
em seguida. (EL: 8)
- (48) E aĩ no caso eu vô e volto. (FC: 2)
- (49) ... porque na hora que o aluno vem todo
petulantezinho dizendo nê? que a nota
dele tã assim assado, eu pego e mostro
por que ocê não vem ã aula?...⁽⁵⁾ (EL: 3)

Esses exemplos nos mostram que há entre as orações coordenadas cujo verbos estão sublinhados um alto grau de conexão. Elas formam seqüências que correspondem ao grau 1 da escala de conexão proposta por Silva, e como vimos, a omissão é favorecida nessas seqüências.

Mesmo havendo um alto grau de conexão entre as orações coordenadas II e sua oração precedente, vemos que a presença do pronome sujeito de P1 continua majoritária.

3.3.5 - Orações Intercaladas:

Em todas as orações intercaladas encontradas em nossas entrevistas, ocorre o emprego do pronome sujeito de P1.

As orações intercaladas representam uma interrupção,

feita pelo próprio falante, de sua fala, e como vimos anteriormente, elas ocasionam a quebra da conexão entre as orações. Dessa forma, elas vão favorecer o emprego do pronome sujeito.

Do nosso estudo sobre os tipos de oração e sua possível influência no emprego ou omissão do pronome pessoal sujeito de P1, chegamos ao seguinte:

a) As orações principais e as orações coordenadas I contribuem para um aumento dos casos de emprego do pronome e conseqüente diminuição das omissões;

b) As orações subordinadas e principalmente as orações intercaladas contribuem para a presença do pronome, desfavorecendo quase que completamente sua omissão;

c) As orações absolutas praticamente não influenciam nem a presença nem a ausência do pronome sujeito de P1;

d) As orações coordenadas II são as que contribuem para um aumento dos casos de omissão do pronome, mas mesmo nessas orações, a presença do pronome permanece superior à sua ausência.

Então, o fator tipo de oração pode influir na expressão ou não do sujeito pronominal, mas não é também suficiente para explicar o grande uso do pronome no discurso oral espontâneo.

3.2.4 - Posição das Orações

Silva (1988:177) analisa o fator posição das orações para verificar se terá influência na presença ou ausência do pronome pessoal sujeito. Ela parte da hipótese de que:

"as orações iniciadoras de um período tenderiam a apresentar seu sujeito explícito, enquanto que as orações não-iniciais já poderiam omiti-lo mais facilmente."

Então, em orações que iniciam períodos, sejam elas principais, subordinadas ou coordenadas, deve haver maior probabilidade de ser usado o pronome sujeito, como em (50) e (52):

(50) Eu acho qu'ocê devia deixar deixar os desenhos dos jogadores principais, do técnico...

(FC: 2)

(51) Quando eu vinha vindo pra cá eu dei de cara com o A... (EL: 6)

(52) Eu queria fazer uma vou ver se dá pra fazer uma cortininha ... (MA: 6)

Para a contagem de nossos dados, consideramos, assim como Silva, a oração absoluta, que constitui o período simples, como de posição inicial. Nossos resultados são mostrados no quadro 12:

Ocorrência de pronome sujeito quanto ao fator posição das orações

	Emprego		Omissão	
Na totalidade dos casos	296	80%	74	20%
P. Inicial - P 1	149	85%	27	15%
P. Não-inicial - P 2	147	76%	47	24%

Quadro 12

Nossos dados confirmam a hipótese levantada por Silva de que em orações iniciais há um aumento dos casos de emprego do pronome sujeito, e nas não-iniciais, um aumento dos casos de omissão. Mas, se considerarmos os números de ocorrência do pronome em P1 e em P2 dentro dos casos de emprego do pronome, veremos que os resultados serão diferentes:

Emprego do pronome sujeito quanto à posição no período

	E m p r e g o	
P 1	149	50,3%
P 2	147	49,7%

Quadro 13

Como nos mostra o quadro 13, o número de emprego do pronome nas posições iniciais e não-iniciais é praticamente o

mesmo. Dessa forma, podemos concluir que esse fator não influencia o uso do pronome pessoal sujeito de Pl, no discurso espontâneo.

3.2.5 - Ambigüidade

A ambigüidade é uma variável comumente relacionada ao emprego do pronome pessoal sujeito. Vimos que as gramáticas tradicionais já fazem essa relação: o pronome sujeito costuma ser usado quando a forma verbal é comum à 1a. e à 3a. pessoa do singular.

Também Silva(1988) analisa esse fator e verifica que, em seu trabalho, ele se mostra um fator de peso, altamente condicionador da variação do sujeito pronominal.

Mas, para ela, há a necessidade de se distinguirem dois pontos de vista a partir dos quais se pode considerar a ambigüidade: o estritamente morfológico, que se refere à forma verbal ambígua, e o contextual, que se refere a contextos ambíguos. A partir daí, ela adota uma classificação tripartida da ambigüidade na 1a. pessoa, que distingue:

A - verbos morfológicamente - ambíguos

B - verbos morfológicamente + ambíguos / contextos
- ambíguos⁽⁶⁾

C - verbos morfológicamente + ambíguos / contextos
+ ambíguos,

e propõe uma hipótese de que "haverá menor probabilidade de

omitir o pronome sujeito à medida que passemos de A a C".(p. 162)

Essa classificação pode ser ilustrada em (53) a (55):

(53) Não, tô dando Aerolin desde ontem! (ML: 2)

(54) Não eu prestei mas eu não tava sabendo exatamente como que ia ser, ainda não tava defi-
nido né? a questão da... (EL: 9)

(55) L., puxar o seu carro um poquitinho .. que ele não tã conseguindo entrar com o carro dele. Quer que eu puxe procê? Deixa eu pu-
xar lã procê? (EL: 7)

Em (53), temos o uso de uma forma verbal marcada(-ambígua). 89% das formas verbais utilizadas por nossos informantes são marcadas. Com essas formas, como já vimos, é recomendada a omissão do pronome sujeito, já que nelas a desinência número-pessoal indica qual é o seu sujeito. No entanto, 78% dessas formas estão acompanhadas pelos pronomes sujeitos em nossas entrevistas.

Em (54), temos o uso de uma forma verbal não-marcada (+ ambígua). Com esse tipo de forma verbal, que constitui mi-noridade em nossos dados, mesmo que o contexto não seja ambíguo, o pronome sujeito é usado. Ele só foi omitido duas vezes, como já exemplificamos em 17:

(17) Eu sempre *cobrava*, cobrava, cobrava, agora
 não, eu *tô* mais relaxada sabe? (MA:10)

E nesse único exemplo, vemos que há apenas um sujeito presente no período, que é o de Pl. Além disso, a forma verbal cobrava está sendo repetida e o pronome já foi usado anteriormente.

Em (55), uma forma verbal não-marcada é usada em um contexto + ambíguo, em que há mais de um possível candidato a sujeito da oração: ele ou eu. Nesse caso, assim como em to das as situações desse tipo, o pronome sujeito é usado para evitar qualquer ambigüidade na frase.

O quadro 14 nos mostra a classificação de nossos da dos:

Emprego do pronome sujeito quanto ao fator ambigüidade

	Emprego		Omissão	
A. - v. - ambíguos	250	78%	72	22%
B. - v. + ambíguos/c. - ambíguos	17	89%	2	11%
C. - v. + ambíguos/c. + ambíguos	23	100%	0	0%

Quadro 14

Nossos dados, então, mostram que em situações em que os verbos são ambíguos, mesmo que o contexto não seja ambíguo, o pronome sujeito é usado. Podemos dizer que a hipótese levantada por Silva se confirma com nossos dados. Mas, apesar disso, e também apesar do fato de que a variável ambigüidade se relaciona com a necessidade do uso do pronome sujeito, esse fator por si só não é suficiente para explicarmos a grande presença dos pronomes sujeitos no discurso oral espontâneo, já que em 78% das situações em que as formas verbais utilizadas são marcadas (- ambíguas) o pronome aparece.

3.2.6 - Ênfase

Silva(1988), ao analisar a variável ênfase como possível condicionadora do emprego do pronome sujeito, expõe uma dificuldade encontrada quando se lida com essa variável: o conceito de ênfase é vago e impreciso. Nem nas gramáticas tradicionais, como vimos, nem na gramática gerativa o conceito de ênfase é definido.

Para evitar, então, essa impressão quanto ao que venha a ser ênfase, ela propõe que se adote o termo contrastividade para "traduzir com maior rigor e objetividade o conceito desejado". (p. 198)

Para identificar a contrastividade, pode-se utilizar alguns critérios que são, segundo a autora:

a) a presença de conectivos contrastivos (coordenativos ou subordinativos), que introduzem "uma mudança inespera-

da no curso dos acontecimentos ou o surgimento de um estado indesejável" (p. 199):

(56) A MC. não faz não que eu não ensinei pra
ela... mas eu fiz(...) (ML: 7)

(57) Pois é, é eu falo com o W.. Ah mas eu du-
vido que ele vā. (MA: 5)

b) a oposição de constituintes da oração, oposição entre os sujeitos indicando quebra na expectativa ou mudança inesperada, que pode ocorrer quando:

- há sujeitos diferentes para um mesmo item verbal:

(58) Eu tô olhando procê, ocê tã olhando pra
baixo ... (EL: 5)

- há verbos de sentido oposto:

(59) Não se eu for eu vou com o G..W. fica
aí ... (MA: 5)

- uma afirmativa e uma negativa atribuídas a predica-
dos idênticos ou semelhantes;

- complementos diferentes para duas ocorrências de um
mesmo verbo;

- oposição no espaço e no tempo.

Em nossos dados não encontramos exemplos correspondentes a esses três últimos itens, mas temos casos em que há uma afirmativa e uma negativa atribuídas a núcleos de predicados opostos:

(60) Eu chamei S. ela não deu resposta. (MA: 5)

(61) Cê viu eu fui dar o almoço ele não quis,...

(ML: 6)

c) reforço, ou seja, a adjunção de palavras ou expressões que, de alguma forma, valorizam o sujeito da oração:

(62) ... ai eu mesma poderia ficar na casinha
ou ocês tanto faz ... (MA: 5)

(63) Agora é ruim porque se o C. convocar eu
também não venho não. (EL: 10)

Utilizando, então, esses critérios propostos por Silva para identificarmos os casos em que o pronome teria sido usado indicando contrastividade, obtivemos o seguinte resultado:

Emprego do pronome sujeito quanto à contrastividade

presença de conectivos contrastivos	20	7%
oposição entre os sujeitos	9	3%
reforço	3	1%
T O T A L	32	11%

Quadro 15

Pelos dados obtidos, podemos ver que, mesmo utilizando essa classificação mais detalhada para a identificação dos sujeitos contrastivos, eles constituem um pequeno número de emprego do pronome sujeito de Pl. Essa variável, portanto, não pode ser usada para explicarmos a presença majoritária do pronome no discurso oral espontâneo.

3.2.7 - Matizes de tipo pragmático-estilístico

Morales (apud Silva, 1988), em seu trabalho sobre a expressão de sujeito de 1a. pessoa no espanhol, considera o que chama matizes de tipo pragmático-estilístico como influenciador no emprego do pronome sujeito de Pl. Segundo ela, quanto menos o falante se refere a si próprio, maior a probabilidade de expressar-se como eu, e quanto mais ele se refere a si próprio, em menções continuadas, maior a frequência de

omissão do pronome.

A partir dessa observação que julgamos estranha, pois achamos que o contrário é que parece mais previsível, resolvemos analisar nossos dados para verificarmos se, em nossas entrevistas, essa variável tem, de fato, influência sobre o emprego do pronome sujeito de P1.

Procuramos, então, selecionar os casos em que os falantes se referem a si mesmo e aqueles em que se referem a outras pessoas ou a outras coisas. Os exemplos (64) a (66) ilustram esses casos:

- (64) ... eu não tô tendo cabeça trabalho, eu te-
nho trabalho, eu tenho que ganhar dinheiro
eu tenho que produzir entendeu? (MA:10)
- (65) Eu tenho que dar aula dia 5 dia 6, depois
eu tenho que ir pra M. de novo dia 12 que
eu vou aplicar aplicar prova pros alunos
 todos e vou ficar lá até o dia 13 que eu
vou trabalhar até dia 12 à noite. já quero
 deixar todo resultado lá pronto... (FC:6)
- (66) Eu vou vou vou lavar esse acolchoado qual-
 quer dia vou levar lá pra cima .. fazer
 igual eu fiz com o tapete ... o dia que ti-
 ver com sol bom, firme, eu vou lá pra cima
 e lavo ele. (ML: 6)

Nos exemplos (64) e (65), podemos ver que os falantes estão se referindo mais a si próprios do que a qualquer outra coisa. Já no exemplo (66), o falante parece estar se referindo mais ao acolchoado do que a si próprio, embora seja ele, o falante, o sujeito da oração. Mas, de qualquer forma, mesmo que ele esteja se referindo ao acolchoado e que este seja o tópico discursivo, o assunto da conversa, é o pronome eu o tópico da sentença, o principal neste enunciado, pois é ele que está em posição inicial na oração⁽⁷⁾ e é ele também que representa uma informação velha, dada (a 1a. pessoa é sempre informação velha, pois é reconhecida situacionalmente), características frequentemente atribuídas ao tópico sentencial.

Pontes(1986:184) já assinala que é difícil estabelecer, em algumas situações, qual é o tópico discursivo e qual o sentencial. Não podemos, segundo ela, "separar assim tão rigidamente tópico discursivo e sentencial", como faz Reinhart ao dizer que essas duas noções são distintas: "tópico de sentença é uma noção sobre, que pertence à comunicação linguística, 'uma vez que predicação é um fenômeno linguístico'. Já o tópico do discurso pode se referir a outros sistemas de signos." (apud Pontes, p. 181)

Dessa forma, achamos problemático tentarmos estabelecer uma distinção dessas duas situações — quando é que o falante se refere a si próprio ou a outras coisas — e consequentemente dessas noções de tópico discursivo e sentencial, e preferimos considerar que essa observação não é procedente para a explicação do grande emprego dos pronomes sujeitos de P1 em nossas entrevistas.

CAPÍTULO IV: UMA EXPLICAÇÃO PARA O EMPREGO DO PRONOME SUJEITO

Analisamos, no capítulo anterior, os diversos fatores levantados, em gramáticas tradicionais e em trabalhos variacionistas, como possíveis condicionadores da presença ou ausência do pronome sujeito. Verificamos que, embora tenham influência em sua expressão, eles de modo geral não se mostram suficientes para explicar o grande uso do pronome pessoal sujeito do Pl no discurso oral espontâneo.

Nossos dados, conforme já mostramos, apresentam 370 ocorrência de Pl, e em 296 o pronome eu aparece. Alguns fatores influem nessa presença, em maior ou menor grau, como: mudança de referência, restrições à conexão do discurso, distâncias referenciais 2 e 3, interferência potencial, graus 5 e 6 da escala de conexão, alguns tipos de oração, a posição inicial da oração e ambigüidade. Mas é este último, ambigüidade, o fator que, em termos percentuais, explica o maior uso do pronome sujeito, 96%. Embora compreenda um número restrito de ocorrências, este fator demonstra influir de fato no emprego do pronome: com formas verbais não-marcadas, portanto, ambíguas, o pronome sujeito faz-se obrigatório.

Pontes (1987, ms) já chamava a atenção para este fato: "a perda da flexão pessoal para a maioria das formas temporais do verbo tornou necessário o uso cada vez mais freqüente do pronome." Ao observarmos o sistema verbal português, vemos que somente em três tempos do verbo as desinências pessoais de

Pl se mantêm: no presente, pretérito perfeito e futuro do presente do indicativo. Este último é considerado por Pontes (1972:93) como forma marginal, uma vez que ocorre "esporadicamente na língua coloquial, paralelamente a outras formas mais frequentes." Em nossas entrevistas não encontramos um só exemplo de futuro do presente do indicativo na 1a. pessoa do singular. Os falantes empregam, em seu lugar, a locução formada pelo verbo *ir*, no presente do indicativo, mais o verbo principal, no infinitivo, como em:

(67) *Ah então eu vou telefonar pra J. daqui a pouco...* (MA: 7)

(68) *Eu vou trabalhar só dia 5.* (FC: 6)

Podemos considerar, assim, que em língua oral, a flexão pessoal persiste em apenas dois tempos verbais, presente e pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais, não há desinência de 1a. pessoa do singular.

Observamos que, em nossas entrevistas, esses dois tempo são os mais usados, mas, apesar disso, eles devem ser considerados como exceções, como assinala Pontes(1987: ms):

"Presente e P.P. são exceções atualmente dentro do sistema que evolui nitidamente na direção da simplificação da flexão. Essa é uma tendência que não é de hoje, vem desde o Latim Vulgar(além de se manifestar em outras línguas indo-européias, como o Inglês) e que já deu resultado semelhante no Francês."

A autora explica que a pressão do sistema é mais forte que a

frequência de uso.

Notamos também que muitas dessas formas verbais mar cadas possuem desinências pessoais menos salientes, ou seja, terminações que não as distinguem tanto das formas não-marca- das, como por exemplo em deixo/deixa ou tenho/tem, nas frases abaixo:

(69) ... eu deixo o balão pra ver o que vai co-
locar. /ew'deʃuba'lāw/ (FC: 2)

ele deixa o balão...
/eli'deʃubdlāw/

(70) Eu nem sei se eu tenho uma aqui... (EL: 8)
/syew'tēyumdkɨ/

se ele tem uma aqui ...
/syeli'tēyumdkɨ/

Esses exemplos nos mostram que a vogal átona final das formas verbais não é pronunciada. Embora na escrita essas formas sejam diferentes, em língua oral elas não apresentam distinção. Dessa maneira, o pronome é necessário, para evitar qualquer ambigüidade.

A perda da flexão pessoal no sistema verbal português está tornando o pronome obrigatório, de modo que o uso do pronome sujeito, em língua oral, é hoje a regra, e não o contrário, como afirmam as gramáticas tradicionais, principalmente. E uma vez assimilada essa regra, o falante tende a aplicá-la, mesmo quando as formas verbais possuem desinências pessoais.

Assim, podemos dizer, como o faz Pontes (idem), que

"a explicação do uso compulsório dos pronomes pessoais da língua oral" é "bem plausível pela evolução do sistema."

Essa quase obrigatoriedade do pronome do discurso oral espontâneo está fazendo com que ele se torne átono e passe a formar, juntamente com o verbo, um único vocábulo fonológico.

Segundo Givón (1984:353), "diachronically, independent pronouns may become de-stressed and cliticized, and unstressed/ clitic pronouns eventually become agreement inflections on the verb." Ele resume esse processo diacrônico generalizado utilizando o seguinte esquema:

independent PRO > unstressed PRO > clitic PRO > verb
agreement (idem)

Segundo ele, ainda, a mudança diacrônica representada nesse esquema ocorre na medida em que haja uma mudança da função dos pronomes no discurso: "from the more emphatic , contrastive or discontinuative function of independent pronouns toward the anaphoric, continuative function of unstressed pronouns and verb agreement." (p. 354)

Como vimos no capítulo anterior, o pronome sujeito de P1 foi amplamente usado em nossas entrevistas, e sua presença não se atribui à ênfase/contraste ou descontinuidade do sujeito das orações. Foram bem poucos os casos em que houve ênfase/contrastividade e mesmo descontinuidade tópica⁽⁸⁾, como podemos ver novamente no quadro 16:

	Emprego	
ênfase/contrastividade	32	11%
descontinuidade tópica (Dist. 2 e 3)	76	26%
T O T A L	108	36%

Quadro 16

O número de emprego do pronome sujeito nesses casos, como podemos ver, representa uma minoria, apenas 36%. Não é isso, então, que explica o grande uso do pronome em nossas entrevistas.

Já nos casos em que há continuidade tópica, quando há distância referencial 1, interferência potencial e grau 1 na escala de conexão, principalmente — situações em que se espera maior número de omissões do pronome — vamos ter pelo menos 69% de uso do pronome (cf. quadros 4, 5 e 7), ou seja, a maioria.

Esses números, assim, nos mostram que o pronome sujeito de P1, na língua oral, não é enfático/contrastivo e descontinuo.

Como pudemos observar em nossas gravações, o pronome sujeito está perdendo a sua tonicidade, está-se tornando átono.

Ele é, em sua grande maioria, fracamente pronunciado. Um fenômeno semelhante ocorre com os pronomes sujeitos em hebraico, como assinala Givón(1979:241):

" ... in Early Biblical Hebrew the independent subject pronouns are used only emphatically-contrastively, but in Late Biblical Hebrew as well as in Modern Hebrew there is less and less use of the subject-agreement conjugation in anaphora, and consequently the independent pronouns now serve as both anaphoric and emphatic."

Observamos que os pronomes sujeitos de Pl são pronunciados juntamente com os verbos, formando com eles um vocábulo fonológico. Como bem registrou Mattoso Câmara Jr. (1986a:34), o vocábulo fonológico é aquele "que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal". O vocábulo fonológico nem sempre coincide com o vocábulo formal ou mórfico, "um segmento fônico que se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua". Assim os vocábulos formais "fala" e "se", podem figurar juntos formando um único vocábulo fonológico "/falasi/". Já o vocábulo formal "guarda-chuva" é composto por dois vocábulos fonológicos "guarda" e "chuva".

Segundo este autor, ainda, em português o vocábulo fonológico depende da força ou intensidade de emissão de suas sílabas. "Uma sílaba emitida com força excepcional pode ser precedida de outras, cujo número é muito variável, onde o acento é muito fraco. E pode ser seguida de mais uma ou mais duas, ainda de emissão mais débil."(p. 35)

Num "grupo de força", numa sequência de vocábulos sem pausa, só a sílaba tônica do último vocábulo fonológico possui

força excepcional. Assim em "livro excelente" temos: uma sílaba tônica (de força excepcional), indicada por um número convencional 3, e sílabas átonas com "debilidade diversa de emissão", as que se encontram antes da tônica (pretônicas) com uma força 2, se subtônicas, ou 1; e as que a seguem (postônicas e átonas finais) com força 0. O esquema abaixo nos mostra a intensidade das sílabas desses vocábulo fonológicos:

livro excelente
2 0 1 1 3 0

O acento de grau 2 e 3, que varia de acordo com a posição da sílaba no grupo de força, é a marca do vocábulo fonológico, segundo Mattoso.

Observamos que os pronomes sujeitos de Pl, na língua oral espontânea, não têm tonicidade, são pronunciados juntamente com as formas verbais, formando com elas um só vocábulo fonológico. Eles se tornam, assim, sílabas pretônicas dos verbos, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(71) *Eu falei com ela.* (MA: 2)
1 1 3

(72) *... eu sei que eu fazia.* (ML: 7)
1 3 1 1 3

No exemplo (72) temos dois vocábulos fonológicos :
/ew'sey/ e /kyewfa'zia/.

Os pronomes pessoais sujeitos estão, ao que tudo in-

dica, sofrendo um processo de cliticização, processo que muda a função dos pronomes independentes no discurso e os encolhe em termos de tamanho fonológico, segundo Givón(1984: 354).

Utilizando exemplos com pronomes de 2a. pessoa e também de 3a. pessoa, enxergamos mais claramente esse processo de "encolhimento" fonológico:

(73) E ocê hoje ainda não deu remédio nenhum
nê? (ML: 2)

(74) Uai! Cês tava falando comigo? (EL: 1)

(75) Cê sabe como é que ela é nê? (FC: 4)

(76) Eles /eys/ podem ter no máximo 15
faltas... (FC: 8)

Os pronomes de 2a. pessoa são utilizados, em discursos informais, em sua forma reduzida ocê, ou mais frequentemente, cê. Os de 3a. pessoa do plural são também reduzidos fonologicamente, percebemos que são muitas vezes pronunciados /eys/ e não /elis/.

Com relação à mudança de função dos pronomes independentes no discurso, já vimos que eles não são enfáticos e contrastivos e, sim, átonos. Em nossos dados temos apenas 9 casos em que o pronome eu é tônico, pronunciado com maior intensidade. Isso significa que em somente 3% dos casos de emprego do pronome sujeito de P1 ele é pronunciado sozinho. Nos demais 287 casos, 97% do uso do pronome, ele é pronunciado juntamente com a forma verbal, mostrando que está dependente do verbo.

Givón (1984) assinala que não há diferenças formais entre pronomes clíticos, não-tônicos (de-stressed) e concordância gramatical. Segundo ele, gerações mais antigas de pronomes clíticos exibem erosão fonológica/assimilatória e muitas vezes fundem-se a outras categorias de flexão verbal, de modo que torna-se difícil distingui-los morfologicamente, mesmo se as categorias semânticas subjacentes a eles persistirem na consequente concordância gramatical. E ainda, em sistemas de escrita conservadores há a tendência de se preservar o status de vocábulo formal dos pronomes não-tônicos por muito tempo, apesar de critérios fonológicos já apontarem para o fato de que eles são cliticizados.

Em português, os pronomes sujeitos são utilizados na escrita como se fossem todos vocábulos formais. Não podemos, devido a essa apresentação, distinguir as formas pronominais tônicas e átonas. Dessa maneira, tem-se a impressão de que todos os pronomes pessoais sujeitos do português sejam independentes. Mas, na língua oral, como já demonstramos, os pronomes são pronunciados juntamente com os verbos, formando com eles um só vocábulo fonológico. Sua presença é quase totalmente obrigatória, o que indica que estão se tornando indispensáveis.

O pronome pessoal sujeito de P1, então, está passando por um processo de cliticização. Mas, esse processo ainda não se completou. O pronome sujeito pode aparecer sozinho, sem a forma verbal, o que mostra que ele não é um clítico como os pronomes me, te, se, etc..

Se fizermos uma comparação entre esses dois tipos de pronome, perceberemos que o pronome sujeito, diferentemente do pronome objeto, pode figurar sozinho na frase, e ainda, entre ele e o verbo podem aparecer outras palavras, o que não ocorre com o pronome clítico. Observemos os exemplos:

- (77) Eu com essa mão suja de daqui .. não
tem jeito . (EL: 8)
- (78) Eu também já dei pau para quem nunca
aparece .. (EL: 2)
- (79) Então domingo do Natal não vai ter B.
não, eu não vou precisar fazer. (FC: 2)

No exemplo (77), o pronome eu aparece sem o verbo . Esse uso do pronome se deve ao fato de ele pertencer a uma resposta, e nesse caso, as omissões são frequentes. Em respostas, é comum omitirmos tudo que já está contido na pergunta . Mas, somente o pronome sujeito pode aparecer sozinho.

Nos exemplos (78) e (79), entre os verbos e o pronome eu aparecem outras palavras. Isso jamais acontece com os pronomes objetos, como podemos ver em:

- (80) Ah não, me dā daqui que eu vou levar pra
casa... (MA: 4)
- (81) *Ah não, me também dā aqui que eu vou
levar pra casa.

A introdução de qualquer elemento entre o pronome me e a forma

verbal dá torna a frase agramatical.

Essas colocações feitas nos mostram que o pronome sujeito, embora tenha se tornado átono, não se comporta ainda como os demais pronomes clíticos. O processo de cliticização, então, não está completo ainda.

Quando os pronomes se cliticizam, segundo Givón (idem), aumenta a probabilidade de que eles sejam interpretados pelos falantes como partes obrigatórias da forma verbal e não apenas como substitutos de SN co-referente. Para ilustrar esse desenvolvimento diacrônico do pronome átono anafórico, Givón apresenta o seguinte esquema:

John, he went home ==> John he-went home (p. 362)

Embora o co-referente (John) esteja presente na frase e nenhuma função anafórica seja requerida, o pronome he é usado.

Em português, segundo Pontes (1987:30), "é altíssima a incidência do pronome-cópia nos casos de sujeito-tópico [...] Essa altíssima frequência pode ser constatada a qualquer momento por quem observar a língua falada em casa, na TV ou mesmo em sala de aula, nos concursos de professores, assembléias, enfim, tanto em ocasiões informais quanto formais."

Em nossos dados encontramos também exemplos desse uso de pronome sujeito de Pl:

(82) Eu eu depois que eu comecei observar as normas

técnicas da vida... (EL:5)

(83) É eu também eu pessoalmente eu não vejo
sabe? eu não vejo problema .. eu na minha
cabeça... (EL:2)

Os pronomes sujeitos usados nesses exemplos não são necessários para a identificação do sujeito das orações, pois vemos que as formas verbais são marcadas, só se referem à P1, e nesses enunciados, além disso, só há um tópico presente, o que impossibilita qualquer ambigüidade.

Kato e Tarallo(1986:353), ao estudarem a situação da tensão pronominal no português falado do Brasil, mencionam que a omissão na posição do sujeito não é mais tão produtiva quanto já foi. Dados diacrônicos mostrados por Tarallo(1983) indicam que, em português:

"subjects, as a syntactic category, remain relatively empty up to around 1880(151/600, i.e. 25,2%), by which time the frequency of retention starts increasing, remaining as such to date(512/780, i.e. 65,6%)

Eles acrescentam, ainda, que esse processo permanece variável, já que essa mudança não está completa.

Dessa forma, encontramos ainda casos de omissão do pronome pessoal sujeito, na língua oral. Examinando nossos dados, vemos que as omissões do pronome de P1 praticamente só ocorrem quando a forma verbal é marcada. O falante só omite o pronome sujeito quando sente que sua ausência não vai causar

problemas na comunicação.

Outro fator que favorece a omissão do pronome sujeito, em nossas entrevistas, é a saliência fônica da forma verbal. Com formas verbais mais salientes, isto é, com aquelas cujas terminações são bem distintas das formas não-marcadas — por exemplo, *sei/sabe* — o número de omissões é maior (82% das omissões). Esse dado reforça o que dissemos, que o falante omite o pronome sujeito quando sabe que não vai, com isso, causar ambigüidade com relação ao sujeito da oração.

Examinando ainda mais duas variáveis discursivas, podemos explicar outros casos de omissão do pronome. Essas variáveis só podem ser estudadas quando os dados examinados são extraídos de diálogos, pois em narrativas elas praticamente não ocorrem. A primeira delas se refere ao tipo de frase em que se dá a omissão. Quando há respostas a perguntas feitas por outro falante, o número de omissões aumenta para 44%. Esse contexto, como já vimos no capítulo anterior, é favorecedor do uso da concordância anafórica do verbo com o sujeito.

A segunda variável é a repetição da forma verbal ou de toda a oração. Em língua oral é comum ocorrerem repetições:

- (84) .. ele falou assim eu comi demais, comi cento
e não sei quantas gramas de arroz... (EL: 6)
- (85) Comecei ontem à meia-noite, depois eu dei de
novo às 6 .. e dei de novo meio-dia. (ML: 2)

As formas verbais repetidas muitas vezes são usadas para dar ênfase à ação praticada pelo sujeito. A ênfase se concentra, então, na repetição do verbo e não no pronome sujeito. Nesses casos em que há repetição, a ausência de pronome sujeito de P1 aumenta para 54%, o maior índice de omissões encontrado em nossos dados. Com formas verbais repetidas o falante não sente necessidade de empregar o pronome sujeito, uma vez que, de alguma forma, ele já foi empregado anteriormente.

Outras variáveis, como distância referencial 1, mudança de referência, interferência potencial e grau 1 na escala de conexão, apresentam números que apontam para um aumento das omissões do pronome sujeito (aproximadamente 30%).

Embora sejam minoritários, então, os casos de omissão do pronome sujeito de P1, eles ocorrem, indicando que o emprego do pronome não é ainda totalmente obrigatório. Mas a evolução no sistema em direção à perda da flexão número-pessoal das formas verbais faz com que ele seja cada vez mais usado.

Todo esse nosso trabalho assim vem confirmar a hipótese inicialmente levantada de que o pronome pessoal sujeito de P1, na língua oral coloquial espontânea, está-se tornando obrigatório.

CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

Em nosso trabalho, mostramos que o grande emprego do pronome pessoal sujeito de Pl, no discurso oral coloquial espontâneo, contraria a idéia de que ele é desnecessário e, portanto, dispensável em português. Vimos que sua presença se dá em 80% das ocorrências de Pl.

Para tentarmos explicar essa grande ocorrência dos pronomes, passamos a examinar diversos fatores, levantados em gramáticas tradicionais e em trabalhos variacionistas, que poderiam estar influenciando o uso ou a omissão do pronome pessoal sujeito.

Vimos que, dos fatores apontados pelas gramáticas tradicionais como condicionadores do emprego do pronome sujeito, que são: ênfase, contraste e ambigüidade da forma verbal, somente o último condiciona, de fato, o uso do pronome sujeito. Só ocorre a omissão do pronome sujeito de Pl, na língua oral, quando a forma verbal é marcada, ou seja, quando ela possui desinência número-pessoal de Pl. Os outros dois fatores, não se mostraram significativos para explicar o emprego do pronome sujeito, no discurso oral espontâneo.

Em trabalhos variacionistas, são vários os fatores apontados. Começamos com a análise da variável Mudança de Referência. Silva-Corvalán (apud Silva, 1988) levanta a hipótese de que, se o sujeito da oração examinada é o mesmo da oração precedente, há maior probabilidade de o pronome sujeito, ser

omitido, mas se o sujeito da oração examinada é diferente do sujeito da precedente, há a probabilidade de o pronome ser usado. Nossos dados confirmam essa hipótese: quando há +Mudança de Referência, o emprego do pronome aumenta em relação à totalidade dos casos e quando há -Mudança de Referência, ele diminui. Mas os números de emprego do pronome mesmo quando há -Mudança de Referência se mostraram bem superiores aos de sua omissão (110 > 51). Vimos ainda que, ao se analisar essa variável, simplesmente verificando se o sujeito da oração examinada é igual ou diferente do sujeito da precedente, não se leva em conta a relação das orações na organização do discurso. Sendo assim, surge a necessidade de se examinar outra variável, a conexão do discurso, que leva em conta o encadeamento das orações na organização do discurso.

São três os trabalhos que apresentam essa variável conexão/continuidade. No primeiro deles, o de Li & Thompson (1979), o emprego do pronome sujeito se relaciona à quebra da conexão do discurso. Levantamos os casos em que há restrições à conexão e verificamos que o emprego do pronome sujeito aumenta nesses casos. Mas o uso do pronome nas situações em que não há quebra da conexão continua elevado, superior ou de omissões.

No segundo trabalho, o de Givón (1983), o emprego do pronome sujeito se relaciona à continuidade tópica. Se o tópico da sentença é contínuo, ou seja, se é o mesmo em orações consecutivas, se é o único em pelo menos três orações vizinhas ou ainda se ele persiste no discurso conseqüente, maior é a probabilidade de omissão do pronome sujeito. Na análise de nos

sos dados, vimos que, quando não há continuidade, o emprego do pronome aumenta e, quando há continuidade tópica, aumenta a sua omissão em relação à totalidade dos casos, mas a sua presença continua superior à sua ausência.

No trabalho de Silva(1988), uma escala de conexão do discurso é proposta para acompanhar o percurso do referente-sujeito da frase. O grau 1 dessa escala representa a conexão ótima, situação em que a omissão do pronome sujeito deve ser praticamente obrigatória, e o último grau, grau 6, representa a ruptura da conexão, situação em que deve ser maior o emprego do pronome. Vimos que à medida que o grau da escala de conexão aumenta, mostrando a diminuição da coesão entre as orações, o emprego do pronome também aumenta. Mas, quando se esperava uma omissão quase obrigatória do pronome, tivemos 69% de seu uso.

Essa variável, dessa forma, não é suficiente para explicar a grande presença do pronome sujeito em nossas entrevistas, já que, embora haja um aumento do uso do pronome nas situações em que há quebra da conexão/descontinuidade entre as orações, nas ocasiões em que isso não acontece o emprego do pronome continua superior à sua omissão.

Outro fator analisado foi o Tipo de Oração. Examinamos os diversos tipos de oração para verificarmos sua influência na expressão do sujeito pronominal e vimos que, na língua oral, as orações subordinadas e as intercaladas são as que mais favorecem o uso do pronome, e que as orações coordenadas II contribuem para sua omissão, embora os números de seu emprego continuem majoritários, 66%. Com outras orações as alterações nos

números de emprego ou omissão do pronome praticamente não aconteceram.

O fator examinado a seguir foi a Posição das Orações. Quisemos testar a hipótese levantada por Silva(1988) de que as orações iniciais do período apresentariam o sujeito explícito enquanto que as não-iniciais já poderiam omiti-lo. Nos sos dados confirmaram essa hipótese, mas, examinando apenas os casos de emprego do pronome, vemos que ele é muito usado nas duas posições (50,3% em P1 e 49,7% em P2), os números são praticamente os mesmos. Esse fator, assim, não explica o uso do pronome sujeito na língua oral espontânea.

Também analisamos em nosso trabalho a variável Ambigüidade, que compreende não só a ambigüidade morfológica, mas ainda a contextual, que se refere a contextos ambíguos e não-ambíguos. Vimos que, com formas verbais ambíguas e contextos também ambíguos, o uso do pronome sujeito é obrigatório. Mas em situações em que não há qualquer ambigüidade, o índice de emprego do pronome continua alto, 78%.

O sexto fator apontado como condicionador do emprego do pronome sujeito, em trabalhos variacionistas, foi Ênfase ou Contrastividade. Vimos que os números de emprego do pronome nesses casos são minoritários. E assim essa variável não pode explicar a grande presença do pronome sujeito na língua oral espontânea.

Finalmente, passamos a investigar o que Morales(apud Silva, 1988) chama de Matizes de tipo pragmático-estilístico .

Segundo a autora, o falante tenderia a omitir o pronome quanto mais se referisse a si próprio, em menções continuadas, e tenderia a usá-lo quanto menos o fizesse. Mostramos que julgamos estranha tal observação e que achamos problemático tentarmos estabelecer as situações em que o falante se refere mais a si próprio do que a outras coisas, e por isso descartamos esse fator.

Depois de analisarmos todas essas variáveis, vimos que algumas delas influem, em maior ou menor grau, no emprego do pronome sujeito, mas é o fator ambigüidade da forma verbal que de fato condiciona o uso do pronome. Com formas verbais ambíguas, sem desinência número-pessoal, o pronome se faz obrigatório.

Sendo assim, podemos dizer que é plausível explicar a quase obrigatoriedade do pronome sujeito pela evolução do sistema. Como assinala Pontes(1987, ms), o sistema verbal português está evoluindo em direção à perda da flexão número-pessoal de suas formas, e essa ausência de desinências pessoais faz com que o pronome seja necessário para indicar o sujeito da forma verbal.

Essa quase obrigatoriedade do pronome sujeito, por sua vez, está fazendo com que ele se torne átono e, conseqüentemente, clítico. Segundo Givón(1984), o pronome tônico independente tende a tornar-se átono, clítico e eventualmente marca de concordância verbal. Essa mudança diacrônica ocorre na medida em que muda a função do pronome no discurso: de enfática, contrastiva e descontínua a contínua e anafórica.

Os pronomes sujeitos de P1, na língua oral espontânea, não são enfáticos/contrastivos e descontínuos. Vimos que eles têm perdido sua tonicidade, tornando-se átonos, e têm sido pronunciados junto com os verbos, formando com eles um só vocábulo fonológico.

Os pronomes sujeitos estão, assim, passando por um processo de cliticização, que muda a função dos pronomes independentes no discurso e os encolhe em termos de tamanho fonológico. Mas esse processo ainda não se completou e, por isso, os pronomes sujeitos não são clíticos como os pronomes me, te, se, etc.

A presença do pronome sujeito na língua oral espontânea é quase obrigatória. Mas é ainda possível a sua omissão. Alguns fatores favorecem a ausência do pronome, como vimos anteriormente. Entretanto, essa variação na expressão do sujeito pronominal tende a se reduzir cada vez mais, à medida que o sistema verbal for completando sua evolução em direção à perda da flexão pessoal.

N O T A S

- (1) Utilizaremos em nosso trabalho a mesma classificação dos pronomes pessoais usada por Mattoso Câmara Jr.: P1, para a primeira pessoa do singular, P4, 1a. pessoa do plural ; P2, para a 2a. pessoa do singular, P5, 2a. do plural; P3, para 3a. pessoa do singular e P6, para 3a. do plural.
(1986: 117)
- (2) Embora não pertença às nossas entrevistas, utilizamos esse exemplo, porque consideramos que seja importante para mostrar a preferência dos falantes pelo uso do pronome pessoal sujeito.
- (3) Expressões formulaicas são definidas como "um grupo de palavras que são empregadas regularmente sob as mesmas condições métricas para expressar uma idéia essencial dada".
(Ong, 1982: 24)
- (4) Dizemos que essa é a posição normal, não-marcada, já que a língua portuguesa se caracteriza pela ordem SV, como nos diz Pontes: "Parece claro que a língua portuguesa hoje é predominantemente SV. A ordem VS se mantém em casos especiais, sobretudo em orações marcadas em relação à oração declarativa, afirmativa, neutra."(1987: 163)
- (5) Esse tipo de expressão eu pego e mostro é muito usada em língua oral informal, e em construções desse tipo, a segunda forma verbal é sempre usada sem o pronome sujeito. Talvez pudéssemos até considerar essa expressão como uma locu-

ção verbal, já que possui o valor de um único verbo.

- (6) São contextos-ambíguos aqueles em que há um só sujeito, o de 1ª. pessoa, ou então aqueles em que ocorrem referentes de sujeito "com traços -humanos, numa unidade discursiva em que só a 1ª. pessoa seria um sujeito possível", como considera Corvalán (apud Silva, 1988: 160).
- (7) Segundo Pontes (1986: 183), "o tópicó tende a vir no início da sentença".
- (8) Utilizamos a distância referencial para exemplificarmos a continuidade ou descontinuidade tópicá, já que é esse critério que determina as situações de máxima ou mínima continuidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Napoleão Mendes - Gramática Metódica da Língua Portuguesa - 32a. ed., São Paulo, Saraiva, 1983.
- BECHARA, Evanildo - Moderna Gramática Portuguesa - 27a. ed. São Paulo, Nacional, 1982.
- BOLINGER, Dwight - "Ponouns in Discourse". In: GIVÓN, Talmy(ed.) Syntax and Semantics, v. 12, Discourse and syntax. New York, Academic Press, 1979.
- BROWN, Gillian - Discourse Analysis, Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, 1983.
- CEGALLA, Domingos Paschoal - Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, 25a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional , 1984.
- CUNHA, Celso F. & CINTRA, Lindley - Nova Gramática do Português Contemporâneo, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes - Ler e Redigir, São Paulo, Discubra, s/data.
- GIVÓN, Talmy - On Understanding Grammar, New York, Academic Press, 1979.
- _____. (ed.) Topic Continuity in Discourse: quantitative cross-language studies. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1983.
- _____. - Syntax. A Functional-typological introduction, v. 1, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company , 1984.

- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando - "Anything YOU Can do in Brazilian Portuguese". In: JAEGLI, Oswald & SILVA-CORVALÁN, Carmem (eds.) - Studies in Romance Linguistics, Dordrecht, Foris Publications, 1986.
- LI, Charles & THOMPSON, Sandra A. - "Third-person pronouns and zero-anaphora in Chinese discourse". In: GIVÓN, Talmy (ed.) Syntax and Semantics, v. 12, Discourse and Syntax. New York, Academic Press, 1979.
- LIRA, Solange de Azambuja - Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania Ph.D. Dissertation. University Microfilms International, 1982.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. - Problemas de Lingüística descritiva, 12a. ed. Petrópolis, Vozes, 1986a.
- _____. - História e Estrutura da Língua Portuguesa, 4a. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1985.
- _____. - Estrutura da Língua Portuguesa, 16a. ed. Petrópolis, Vozes, 1986b.
- MELO, Gladstone Chaves - Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, 3a. ed., Rio de Janeiro, Ao livro Técnico S/A, 1980.
- ONG, Walter J. - Orality and Literary - The Technologizing of the World, London, Methuen, 1982.
- PONTES, Eunice. Verbos Auxiliares em Português, Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____. - Sujeito: da sintaxe ao discurso, São Paulo, Ática / Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

- PONTES, Eunice. - Estrutura do Verbo no Português Coloquial,
Petrópolis, Vozes, 1972.
- _____. - O Tópico no Português do Brasil, Campinas, Pontes,
1987.
- _____. - "Pronomes Pessoais no Português Coloquial", ms, 1987.
- SAID ALI, Manoel - Gramática Secundária da Língua Portuguesa,
São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- _____. - Gramática Histórica da Língua Portuguesa, 7a. ed.,
São Paulo, Melhoramentos, 1971.
- SILVA DIAS, Augusto E. - Syntaxe Historica Portuguesa, 5a. ed.,
Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.
- SILVA, Vera L. Paredes Pereira - Cartas Cariocas: A Variação
do Sujeito na Escrita Informal, Tese de Doutorado em Lin-
güística, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.
- TARALLO, Fernando Luiz - Relativization Strategies In Brazilian
Portuguese, Ph.D. Dissertation. University of Pennsylvania ,
1983.
- VILELA, José Fernandes - O Sujeito Anafórico Elíptico em Lín-
gua Escrita, Tese de Mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 1988.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA Nº 1 - M.L.

A - formada em psicologia

B - formada em Letras, aluna na Pós-Graduação da FALE.

A - Não. quando eu dava maçã pra J. era a mesma coisa .. ela ainda não sabia engolir direito .. ficava empurrando com a língua do jeito dele .. a a impressão que eu tinha na hora ... era que ela não queria ... com o tempo .. é que eu vi que ... que o negócio era mesmo não saber né? não sabia.

B - Eu eu acho ... é.

A - Ele suga com a língua o bico ... então acho que a mesma coisa que ele faz com o bico ... ele faz com a maçã.

B - Eu acho que é porque a maçã demora ... cê dá um pouquinho, depois dá outro pouquinho ... ele ele é é esguelhado ele quer comer tudo de uma vez.

A - A J. também era assim. Sopa .. quando eu comecei a dar sopa eu achei que era .. também foi a mesma coisa. E às vezes não é porque a criança não quer, porque não sabe comer .. né?

B - É tá aprendendo. Eu parei já tem um tempão que eu nao dou na colherzinha.

A - É mas ele tá aceitando bem.(...)* será que ele não tá querendo? Menina, é porque não pode esperar entre uma colher e outra (risos) e eu tô desajeitada aqui pra dar.(risos)

B - É porque já era pra ele ter mamado às 3 horas se fosse se-

* () = ininteligível

guir o horário normal.

A - Não pode esperar não. (dirigindo-se ao nenê) Olha aqui, J.
(risos)

B - C. era assim também.

A - Como diz minha avó ... aproveitar até ...

F -

B - Falei, falei que o C. tá com bronquite.

A - Ah ele tá, F., ele tá ... Ah cê tá perguntando se falou
pro médico? Cê ligou pro médico?

B - Liguei. Eu falei que o C. tá com bronquite .. e que a bron-
quite, eu tava dando o Aerolin desde ontem e que não tava
melhorando, tava piorando .. ele tava no meio da consulta
né C? Ele pegou falou assim: então cê dá eu falei dou a
Aminofilina? Ele falou pode dar a Aminofilina, eu falei co-
mo que eu dou? dou sozinho? Ele falou não ... cê dá junto
com o remédio ... quando for às 6 horas cê dá o remédio e
4 gotas, eu perguntei ele falou 4 gotas ... de 6 em 6 ho-
ras.

B - Aminofilina? Enquanto tiver com crise ... quando a crise
passar pronto .. pára com o remédio. Daí ele pegou e fa-
lou, aí eu perguntei dessa tremura que ele tá tendo umas
tremura, ele pegou e falou que era do .. Aerolin, que ti-
nha que trocar pro Bricanyl.

A - E ocê hoje ainda não deu remédio nenhum né?

B - Não, tô dando o Aerolin desde ontem!

A - Ah é.

B - Comecei ontem à meia-noite, depois eu dei de novo às 6 ...
e dei de novo meio-dia.

F -

B - É ele dormiu no meu braço, eu coloquei ele lá na cama.

A - A J., quando eu mudei pra esse apartamento aqui da Rua Cura d'Ars ... Nossa Senhora .. era uma atrás da outra cri-se que ela teve .. Aqui J., que coisa mais linda .. tá rindo.(risos)

B - (...)Eh R. guloso! ... Ó ele tá gostando.

A - Tá gostando, ele tá comendo ainda tá .. daqui a pouco dá bicota né? (risos)

B - Cê acredita que ele come uma maçã e daí a pouco eu tenho que dar o mamã? Ele não aguenta esperar nem uma hora. Ele mama menos né?

A - É mas cê procura reduzir alimentação enquanto tá pequeno, que eu tô pensando com a J., viu?

B - É mas eu já tô deixando .. desde que começaram a falar que ele tava gordo.

A - (...)dá coisa gorda engorda. Dá assim ... fruta.

B - Não o médico falou que ... quando ele começar a comer ...

F -

B - Por exemplo, fazer suco sem açúcar. Faz suco de fruta pra ele totalmente sem açúcar ... pro C. eu ponho açúcar.

A - Ele acostuma né?

(choro do C.)

B - Quer vir com a mamãe? Mas aí (...)

C -

F -

A - Ô J., maçã mancha .. esse babador aqui ...

B - Não, o babador eu já pus de propósito.(...)

F -

B - Ô ô ô ô tá vendo? Tem que policiar a mão dele.

F -

B - Eu fui pegar ele no colo ele não quis!

F -

B - Precisa chorar não. Vem no colo da mamãe.

F -

C -

A - J., mas ele come essa maçã inteira?

B - Eu não dei uma inteira assim .. (.,.)

F -

C -

B - E lá naquele prédio ela chegou a ter .. a J. chegou a ter muita ... bronquite?

A - Nossa Senhora, era uma atrás (tosse) uma atrás da outra ... eu já tava desesperada, no dia que o médico foi lá (tosse) foi justamente no dia de faxina .. foi o dia que ela ficou pior .. eu nem levei no consultório eu chamei ele em casa.

B - Aí ele falou que era o apartamento.

A - Quando ele chegou que viu, dia de faxina ... aquele carpete velho, aquele trem .. apartamento não tinha boa ventilação né? Ele falou assim: Nossa Senhora, tá explicado por quê. Não pode mesmo. Carpete, cortina que que que retém pó .. tem que ser cortina de tergal .. que num .. fácil de lavar e não retém pó.

F -

A - Almofada .. bicho de pêlo, nada disso.

B - Não, eu acho que o C., o que aconteceu ontem .. assim ..
ah lá na mamãe tava com cheiro de mofo.

A - Isso é difícil ...

B - Antes de ontem nós fomos na mamãe tava com cheiro de mofo (...)

A - Cheiro de mofo também .. ele foi lá na minha mãe uma vez
achou também cheiro de mofo lá.

B - Agora ... ontem ele dormiu naquele acolchado.

A - (tosse) Qual?

B - Aquele acolchado ali da .. aquele acolchado dele que fica no chão.

A - Ah minha filha, esse acolchado então (...)

B - Ontem de tarde ele deitou ... ele deitou vendo televisão e dormiu lá.

F -

A - (...)Mas nu .. mas não é ... é é F., poeira de dois dias.
Ele falou: olha, se tem carpete .. tem que lá .. varrer ,
passar aspirador e pano molhado todo dia .. e se for lugar
de muito movimento, se a sua rua for de movimento, duas ve
zes por dia.

F -

B - Aquele acolchado tá sujo mas a gente bate ele, uai!

A - Mas não é só de sujeira não, é ... é contato com o chão que
é frio, J..

F -

B - Bate sim, é que ocê não vê.

F -

A - Não adianta não .. pode pode capaz de ser o mais provável é ser o acolchoado mesmo.

B - Ele tossiu de manhã ontem,C.? ou começou foi de tarde?

F -

B - Ah então foi o acolchoado mesmo.

A - Ele não pode ... foi não pode pôr ele no acolchoado não.

B - Eu vou vou lavar esse acolchoado qualquer dia vou levar lá pra cima .. fazer igual eu fiz com o tapete ... o dia que tiver com o sol bom, firme, eu vou lá pra cima e lavo ele. Ele é muito pesado, cê já viu?

A - E ele .. e ele é .. ele é de algodão, né J.? Ele ele retém pó.

B - Não, e já tem pode-se dizer um ano que ele tá no chão né?

A - Nossa Senhora ... pode não.

F -

B - Uai lógico! Ele num comeu nada hoje!

F -

B - A mamadeira que ele tomou foi o mínimo .. a a vitamina da maçã com banana.

A - Gente, mas adoece não come mesmo não.

B - Sabe o que que a gente podia tentar, mas é ele é que não tá aceitando, cê viu eu fui dar o almoço ele não quis, senão eu ia tentar dar pra ele uma gema com açúcar. A a J. dá muito pra AJ ... Os menino fica forte, fica alimentado.

A - Eu dava muito pra J.. Eu dava gemada.

B - Como que cê faz a gemada?

A - Eu não lembro, eu eu eu lembro que eu num pu.. é é é batia no liquidificador acho que um ovo inteiro, com leite. Eu

não lembro(...).

B - Mas não bate (...) a clara em neve?

A - Acho que não.

B - Bate o ovo inteiro com leite?

A - Acho que é. Eu fazia lá na rua Lavras. Depois que nós mudamos pra cá eu já não dava mais.

B - Não, porque o médico disse que até dois anos a criança não deve comer a clara que a clara dá alergia. Então a gente batia ... na hora de dar a vitamina da tarde ...

A - Eu lembro ... eu sei eu lembro disso.

B - Na hora da vitamina da tarde a gente põe uma gema, não é todo dia não, ele falou umas três por semana tá bom.

A - J., eu não lembro como que eu fazia essa gemada, eu sei que eu fazia ... e dei pra ele, dei assim um ano seguida, depois parei. Não lembro também por que que eu parei, acho que ela é que não aceitou mais.

B - Eu fiz até isso que a E. falou .. tira aquela .. pelezinha transparente que fica .. na gema ... A MC não faz não que eu não ensinei pra ela ... mas eu fiz (...)

A - Que é o que dá o cheiro né?

B - É, normalmente é bom.

A - Ih J., ele tá que ... Eu posso mais do que ocê. (dirigindo-se ao nenê) J. uai, faz até mal uma maçã inteira pra esse menino! (tosse)

B - Não se ele tiver comendo não tem problema não, que o médico falou que começa com a metade e aos poucos vai aumentando né? Enquanto ele tiver agüentando comendo direitinho...

A - J., ele não tá mamando no peito mais não?

B - Tá uai! Ele mama só no peito e e ele tá comendo fruta.(...)

A - Não ouço mais cê falar em dar mamã pra ele.

B - Não, é porque eu ia dar agora, mas eu resolvi dar a maçã primeiro, porque se ocê não der a maçã enquanto ele tiver com bastante fome, ele não come.

A - Ele não come né?

B - Tem que esperar ele tá com fome. Agora, amanhã eu vou sair ... e eu não tirei leite até agora. Então eu vou fazer isso então ... amanhã, agora a MC não vai ter paciência pra fazer isso, vou falar pra ela fazer um suco de maçã ... eh rala a maçã naquele ralador da Tupperware que é de plástico né? ... e coloca, mistura com água filtrada fervida.

A - É menino, mas ocê é um bom ... (dirigindo-se ao nenê).

ENTREVISTA Nº 2 - M.A.

A - formada em Psicologia

B - formada em Letras

C - formado em Engenharia e Belas Artes

B - E ocê e o G. não querem ir pra Coronel não? Espairecer...

A - Eu que .. eu quero e eu tô precisada. Eu quero ir lá em Resende..

B - Resende Costa.

A - mandar fazer uns negócios pra mim. Menina, cê acredita(...) minha cortina do meu quarto não vai caber na minha janelinha do quarto do quarto que que...

B - Vai ficar grande?

A - Assim enorme uma janelinha desse tamaninho assim e grudada na parede onde é que eu coloco aquela cortina enorme ... sabe? a cortina do meu quarto é enorme.

B - A cortina do seu quarto pega a parede toda né?

A - Quase a parede toda, falta um tantinho assim ô ... sabe? vai ficar horrível, uma banda só vai cobrir a...

B - E não tem jeito docê diminuir não? Cê mesmo diminuir?

A - Fico com dó de cortar né? Vai ter que cortar pra diminuir pra .. praquela janela vai vou ter que cortar mesmo a cortina.

B - Quando é que cês vão mudar?

A - Quando? Qualquer hora aí, eu comecei já a encaixotar os trem ontem. (...) Eu não sei a gente tem é que mudar a qualquer hora né? Quer dizer o prazo o prazo pra gente entregar

o apartamento é final do mês que vem ... não sei se no dia 28...

B - Ocês ocês entraram na ... o cara entrou na justiça pra tirar o apartamento? Cês ficaram enrolando pra devolver?

A - Foi foi, nós apelamos né?

B - Porque quando eu falei pra M. pra alugar ela falou assim: eu não alugo de jeito nenhum, cê não vê esse povo a MA mesmo é uma, tá lá no apartamento não sai de jeito nenhum.

A - Mas ela ela tem outro imóvel?

B - Não.

A - Ela consegue arrancar. Quem tem outro imóvel é difícil tirar.

B - Eu falei com ela.

A - Mas agora saiu uma nova lei que ocê pode pedir o apartamento pra um parente morar .. qualquer um .. sabe? pra um parente morar cê pode pedir o apartamento ... então assim...

B - Eu falei com ela eu falei cê cê acha que a MA ia ser capaz ... de se viesse pro seu apartamento não sair quando ocê pedir, é lógico que o G. e a MA não vão fazer uma coisa dessa.

A - Claro.

B - Mas ela diz que muita gente que alugou pra conhecido pra amigo ... e ... e não conseguiu o apartamento ... (...) Acho que ocê alugar pra qualquer um é arriscado cê alugar pra uma pessoa desconhecida ... o caso pro cê ver o irmão do C. né? Tá lá pagando um aluguel caro, num apartamento pequeno não tá satisfazendo .. Ele nunca chega a uma a uma solução a respeito do apartamento dele. Esse esse apartamen

to tá aqui vazio ã toa que que custava a M. deixar o irmão ... né não? morar aqui.

A - Mas por que ...

B - Ou então o T. combinava com ela ... paga um aluguel e deposita na Poupança pra ela e pra J. né? Eu acho razoável ... quer dizer ... mas ela não quer de jeito nenhum.

C - (...)

B - Ela diz que vai mudar...

A - Ela não muda não.

B - A faxineira vem aqui vai arrumar tudo e vai deixar como se ela tivesse morando aqui.

A - As coisas dela tão aqui já?

B - Ah os móveis, roupa, brinquedo, tem um mundo de coisa aí há muito tempo, as coisas de cozinha dela tão todas aí. Ela precisa é ... o fogão tá aí mas compraram o fogão errado , a M. é enrolada né? Ela comprou o fogão errado mas já tem tantos anos que o fogão errado tá aí que acho que não tem mais jeito de trocar né?

A - Ficou errado. (risos)

B - A geladeira dela a S. tá usando, então ela vai ter que trocar comprar outra a S. vai dar pra ela. A televisão dela a S. tá usando, então a S. vai dar outra pra ela. Então o que falta pra ela é geladeira e televisão. O freezer tá lá, inclusive com salgado do aniversário da J. de dois anos atrás.

A - Gente!

B - Ela guardou e esqueceu de comer.

A - Gente, já estragou não já?

B - Já. E eu tô de olho porque tem um t. meu lá.

A - De dois anos atrás né?

B - Eu fico só falando pra S.: Ô meu t. tá lá. Eu emprestei duas toalhinhas e uma sumiu né? Quer dizer ela só devolveu quando eu fui pedir ela não lembrava e uma sumiu e o meu t. também tava dando sopa lá lá na S., aí eu vi e falei : Ah não, me dá aqui que eu vou levar pra casa é .. qualquer dia eu vou lá em cima pego o outro (...)

A - (...)J., mas deixa eu te falar, eu quero pegar o endereço lá de de Resende, eu quero ir lá mesmo.

B - Eu não sei o endereço lá.

A - Eu quero mandar fazer uma cortina. Eu tô pensando em ir de ônibus.

B - Vão lá. Nós vamos sexta-feira à noite só dá procês irem .. é é a gente vai sexta-feira à tarde dá procês irem sexta-feira à noite e volta domingo de tarde. Fala com o G. Vão. Eu vou .. eu tô pretendendo sair daqui, quer dizer eu .. não decido nada dependendo do C. né? mas eu tava querendo que a gente saísse daqui sexta à tarde .. que a minha avó vai chegar lá quarta à noite. Então quer dizer que quinta-feira ela já vai ficar lá né? eu queria eu queria encontrar com a minha vó logo né? Desde outubro que a gente não vê a vovó. E ela vai tá lá com meu padrinho, com meu avô, então eu tava a fim de ir sexta-feira à tarde pra ver se a gente aproveita um pouco da sexta-feira, fica sábado domingo a gente vem segunda-feira ... aí o C. já vai fazer o B. antes. Podia ver com o G. porque mamãe separou um cômodo um quarto lá pra ficar todo mundo no sobrado, dessa vez não

precisa ficar na casinha não,naquele cômodo que a B. ficou sabe atrás? ela separou pro T. deixou tudo arrumadinho .. mas eu telefonei pra E. ela não vai porque o irmão dela vem pra cá. Aí a gente podia ir.

A - Nossa! Quem que vem? o T.?

B - Porque mesmo que a E. fosse, não o Z., mesmo que a E. fosse dava pra ir porque na casinha não vai ficar ninguém né? aí eu mesma poderia ficar na casinha ou ocês tanto faz ... mas já mas já que ela não vai, aí fica com mais lugar né? Eu chamei S. ela não deu resposta.

A - Pois é, é eu falo com o W.. Ah mas eu duvido que ele vá. Ele não vai não.

B - Mas ele gostou, o G. gostou.

A - Por causa dos doces.

B - Oriça o G., oriça o G..(risos)

A - Por causa dos doces. Não se eu for eu vou com o G.W. fica aí eu volto com cês.

B - E aí até lá o seu curso já acabou né?

A - Graças a Deus' J., eu não tô aguentando mais.

B - É cê podia ver porque ... se a gente for de santanae DM DS forem não tem lugar né? aí fica cheio, mas se a gente for...

A - Mas aí eu vou de ônibus.

B - É aí cê vai de ônibus e a gente te busca em SJ ou no alto né? Agora se a gente for e DS DM não forem aí tem lugar. E aí a gente pede o santana emprestado que fica muito mais barato né? Com a camionete a gasolina fica muito caro.

A - E aí dá procê procê pra ir lá em Resende né?

B - Dá uai! No sábado de manhã...

A - Cê cê vai comigo?

B - Vou uai! Peço papai pra levar a gente que eu não conheço lá também não.

A - Aí cê vai comigo. Pior que aí eu tinha que comprar a linha .. eu não sei.

B - Ah cê tem que tirar medida direitinho, comprar linha. Qual qual que é o tamanho da cortina?

A - A cortina é pequena.

B - Posso telefonar pra mamãe pra ela dar idéia .. quantos novelos né?

A - É. A janela a janela é pequena pequenininha. Ô eu tô achando que a do meu quarto é uma banda dessa sua aqui .. uma parte dessa.

B - Não é do tamanho da janela do meu quarto não? A do meu quarto tem um metro e meio, essa aqui tem dois.

A - Não.

B - A do meu quarto é isso aqui ô.

A - Não a do meu quarto eu acho que é essa janelinha sua só, só um lado.

B - Um metro só.

A - Só um lado.

B - Essa tem um metro né? Essa aqui tem dois.(...)

A - Eu acho que é só um lado. Eu queria fazer uma vou ver se dá pra fazer uma cortininha ... eu tô com dó de desfazer daquela cortina minha que eu gosto tanto dela.

B - Ah não desfaz não, mas aí cê tá pensando em guardar pro outro apartamento?

A - É guardar ê. Mas eu eu gostaria de poder usar ela lá por que eu gosto acho que compõe meu quarto mas eu acho que uma cortininha de crochê ia ficar bonita também com .. jogando com os móveis né? estilo mais romântico ... eu acho que ia ficar bom ... sabe? pra...

B - Bonito também é de crochê com tecido, cê já viu?

A - Como, deixa o tecido voal com forro né?

B - Não é ... cê cê tem uma cambraia de linho e cê coloca um pedaço eu não sei cê tem que bolar né? É misturar linho é ...

A - Eu vi sabe que que vi? um crochê lindo lindo uma cortina super original sabe? Ela é de voal (...)

B - Ô ô C. que que eu falo pro moço então se ele telefonar hem?

C - Pergunta pra ele se não dá pra fazer mais barato.

B - E aí se ele falar que não?

C - Ah tinha que ver quanto é que o irmão da J. cobraria né?

B - Ah então eu vou telefonar pra J. daqui a pouco e vejo com ela. Mas só se o irmão da J. cobrar bem menos. Porque o problema é que o irmão da J. vem a gente vai falar pro cara pra não vir o irmão da J. não vem fica essa grade do jeito que tá.

C - Então resolve aí. Cê que sabe.

B - Tá. Então vou pensar, se se o papai disser que não tem condição de vir ninguém de C. eu vou falar pra ele vir.

C - Eu tô praticamente duro.

B - Não mas aí eu deixo o meu dinheiro eu pago a ele. Nossa .. do jeito que tá cê já viu que vergonha que tão essas grades? Pelo amor de Deus do jeito que tá não tem jeito não.

A - (...)

B - Tã tudo enferrujado. Tem que lixar. passar zarcão, o C. disse que vai passar um produto melhor do que zarcão, zarcão e tem que pintar. O cara pediu 75 cruzados a mão-de-obra, sô a mão-de-obra sem tinta nenhuma, a gente é que tem de comprar toda ... lixa e tinta a gente tem de comprar.

A - (...) Isso o C. faz não faz não?

B - Faz não, não faz não. O meu varal que é uma coisa muito mais simples, a descarga que é sô uma bucha ele não fez até hoje.

A - Gente, esqueci de falar com o W.(...) ô meu Deus, minha cabeça tã tão ruim. Hoje eu falo com ele, eu lembro de falar com ele. Mas (...) ontem eu eu deitei eu esqueci de falar ontem hoje acordei ele tava dormindo na hora que eu saí.

B - Cê foi ã aula hoje?

A - Fui. Tô indo, minha filha. Deus sabe como.

B - Cê falou essa é a última semana?

A - Ah eu não tô aguentando mais.

B - V. me falou que eu telefonei pra ela né? aí ela me telefonou pergun... pedindo pra eu pedir papai um livro de contabilidade que .. que ela tem condição de estudar sozinha que ela não tá aguentando não.

A - Gente!

B - Ela disse que não tá conseguindo entender nada que que o negócio tá .. muito difícil.

A - Que isso! Contabilidade é o trem mais idiota do mundo!

- B - Ela falou que tá muito difícil. E ela falou que português também é muito difícil. A quantidade de nome que tem ela não tá aguentando que .. eu falei vai V. não tem quantidade de nome não! (...)
- A - Deixa eu te falar. Contabilidade sabe que que é contabilidade? Se você deixar de entender alguma coisa cê não entende mais nada, que vem pra trás cê entendeu? É o troço mais besta, mais idiota, mais fácil...
- B - Ah é chato demais. Eu sei que uma vez...
- A - E se você não (...) se você deixar passar (...) alguma coisa cê não entende mais nada. É fácil, contabilidade é fácil, não tem mistério nenhum não. Que isso! Se ela não entendeu lá minha filha, com o livro então ela não vai entender chongas. Tem a apostila, a apostila é super fácil de entender.
- B - Ah ela será que ela comprou a apostila?
- A - É dada.
- B - Ah então ela tem a apostila.
- A - É por isso, minha filha (...)
- B - Mas acho que pela apostila pela aula ela não tá sabendo não que ela pediu pro papai arranjar o livro.
- A - Não, é a apostila explica muito bem, muito detalhada a apostila é boa.
- B - Vai ver que ela dormiu na aula.
- A - Ô gente, engraçado que eu sento assim na janela sabe?eu vejo V. chegando tarde na aula todo dia (risos). Ela encostando o carro assim .. chegando tarde todo dia.

B - Mas sabe que que é? Que ela ainda leva os meninos pra escola primeiro.

A - Perde aula todo dia.

B - Vai ver que é isso, ela perdeu e...

A - Perde o princípio da aula né? Se perder alguma explicação cê cê cê ... cê perde tudo.

B - E ela tem ela fez tudo, a S. fala eu não sei a S. fala que ela é muito preguiçosa ela nunca foi estudiosa .. ela sempre fez tudo assim de qualquer jeito né? e e ela mesmo fala que o curso superior dela foi muito mal feito .. toda hora parava porque tinha menino né? É quer dizer ela teve menino de 3 em 3 anos porque quis né?

A - A escolha é ... é ... que que eu ia falar? Eu no princípio eu tava estudando sabe? mas agora não tô não. J., sabe o que que é cê não tão tendo cabeça? É tanto coisa, tanto tumulto, tanta confusão de pai de W., confusão de mãe de W., irmão de W. é é é negócio de apartamento mudança .. eu não tô tendo cabeça trabalho, eu tenho trabalho eu tenho que ganhar dinheiro eu tenho que produzir entendeu? Não tô achando tempo pra poder estudar não, acho que eu só vou é é começar a estudar mesmo pegar minuciosamente estudar parar pra estudar mesmo sabe? quando eu tiver mudado tiver um monte de coisa já resolvido.

B - É não, é difícil né?

A - Cê não tem cabeça não sabe? Eu fico cobrando de mim sabe? Eu sempre cobrava, cobrava, cobrava, agora eu tô mais relaxada sabe?(...) Eu não posso ficar cobrando demais...

ENTREVISTA Nº 3 - F.C.

A - formando em Engenharia e Belas Artes.

B - formada em Letras

A - Nós vamos na fazenda do D.?

B - Vamos. Que dia ocê acha melhor a gente ir? dia 22? 22 é muito cedo né? Sexta-feira, cê tem que fazer o Bitoque.

A - Não Bitoque só no domingo.

B - Domingo é dia 24 a gente vai tá lá, cê vai ter que fazer noutra hora. Não tinha pensado nisso não?

A - Não, mas aí eu vô na sexta, na sexta à tarde, aí eu volto no domingo.

B - E torna a ir lá no domingo.

A - Tornar ir aonde?

B - Pois é na a ceia de Natal vai ser dia 24, F., domingo à noite.

A - Não. Ah! Domingo é dia 24?

B - É. Agora cê tá sacando isso?

A - É achei .. não que a gente trabalha ... nós vamos trabalhar dia 24, 25.

B - Por que dia 25? 25 é segunda.

A - Não só se não tiver jogo, aí eu posso fazer o Bitoque antes.

B - Se tiver jogo cê vai ter que esperar?

A - (...)

B - Não tem possibilidade de cê deixar as caricaturas prontas não?

A - Ah! só se eu fizer ... o desenho e eu deixo o balão pra ver o que vai colocar.

B - Eu acho qu'ocê devia deixar os desenho dos jogadores principais, do técnico ... por favor mamãe tá conversando .. por favor senão cês vão ficar lá dentro. Que que cê acha? Aí dá procê fazer. Aí faz o que ocê falou, a gente vai dia vinte e, mas dia 22 eu fico com medo de ser muito antes. Então a gente iria dia 22, dia 23 cê vem mais cedo.

A - Peraí, 22 que dia que é? sexta?

B - Sexta. Dia 24 .. né aliás cê vem mais cedo, faz o Bitoque e vai embora pra chegar lá no máximo às 8 horas da noite que é a hora que vai ser a ceia dos meninos pequenos...

A - E aí no caso eu vô e volto.

B - Uai, eu acho preferível cê deixar pronto aqui e ir embora ... pra não ter que voltar. A gente iria no sábado cê já deixa o Bitoque pronto pode ir até sábado de tarde, tem problema não. Pior é ir e voltar.

A - Ah eu vou ver com o A.. Vão ver se ele (...).

B - Cê acha que vai ter jogo de futebol no dia 24?

A - Ah peraí, peraí, dia 31, dia 31 que dia da semana que é? Domingo?

B - Dia 31 é domingo. Cê vai trabalhar também?

A - Ah não peraí, o AR. vai entrar de férias dia 23. Então domingo do Natal não vai ter Bitoque não, eu não vou precisar fazer.

B - Ah que massa! Então a gente pode viajar numa boa.

A - Será que eu levo...

B - Dia 31 também cê não vai trabalhar. A gente pode ir pra Itajubá dia 29.

A - É. Será que eu levo mas ... Quantas cervejas será que eu levo lá pra fazenda do D.? Uma caixa?

B - Ah .. eu acho que uma caixa muito. Leva umas vinte só? Quanto cê consumiria?

A - Será que será que eles vão comprar lá?

B - Ah eles devem comprar. Quanto que ocê consumiria em 2 dias, 3 dias?

A - Quantos dias?

B - Uns três quatro dias no máximo que é o que a gente vai ficar lá né?

A - Umas dez latinhas por dia.

(...)

B - Por favor, filhinho. Ô assim mamãe vai ter que mandar os dois embora porque mamãe tá trabalhando, por favor.

(...)

B - Com que carro que nós vamos?

A - Vão de camionete.

B - Cê acha melhor?... Eu acho que se ela não tiver ruim é melhor porque não tem o perigo, se tiver chovendo não tem o perigo de a gente ter que ir a pé .. de atolar no caminho. Cê soube que a J. atolou no caminho? Quando a J. foi com o D., J. AJ., Z., T., N. ..

A - Será que o D. não arrumou isso não?

B - Não sei, não sei se ele arrumou não. Deve .. vai ter que arrumar porque a vovó com o vovô não conseguem ir a pé naquele

barro todo não! A J: teve que ir coitada .. diz que ela que nunca mais ela faz um trem desse.

A - Ah eu vou ... de camionete.

B - De camionete não tem esse perigo que qualquer coisa a corrente tá com ela não tá? Não tá a corrente?

A - Tá mas pra colocar a corrente é dureza!

B - Por quê?

A - Só se a gente colocar no asfalto antes de entrar no barro se tiver muito barro.

B - É a gente vê se o dia tiver chuvoso assim já põe a corrente.

A - Aí eu ponho ela no asfalto, a gente entra no barro, não tem problema.

B - É só aquele caminho é curto não é muito comprido não o caminho, mas é de descida depois tem uma subida muito forte, pra ir com dois menino e bagagem não tem jeito né? A gente vai ter que levar os presentes...

A - E o Z. vai com quem?

B - O Z. vai ficar com a mamãe, não sei pra onde que a mamãe vai! Mamãe não decidiu ainda onde é que ela vai ficar não!

A - Uai sua mãe não vai lá pra fazenda não?

B - Uai ela não decidiu não!

A - Por quê?

B - Cê sabe como é que ela é né? Ela falou que ... que não sei ela quer ficar com o vovô com vovó mas ao mesmo tempo toda vez que ela tá com o D. ela arranja brigaria né? Então não sei que que ela vai resolver não. O papai também não falou nada né?

A - Por quê? Ele teve aí?

B - A única que já, resolveu .. quem resolveu lá, eu que falei que vou pra fazenda e J. ... que a J., que falou que vai pra casa do pai dela ... dos pais né? Nós é que já resolvemos. A B. falou que vai ficar por lá mesmo em Itajubá porque ela não tem dinheiro .. e mamãe não resolveu não. O N. disse que ia ficar com a B. mas agora também não sei(...) porque se vem todo mundo de São Paulo e ele pode ficar com a B. noutra oportunidade...

A - Sua mãe tá em São Paulo?

B - Que que eu falei?

A - Sei lá o que que cê falou? Que que cê tá pensando(...)?

B - Não, tô pensando que que eu falei. Não, tô pensando que que eu falei do N.. Falei depois esqueci que que eu falei.

A - Cê falou que o N. não...

B - É eu acho que ...

A - O N. não tá sabendo pra onde que...

B - Não, o N. tinha falado que ia passar o Natal com B. mas eu acho que ele devia ficar com o vovô e vovó com o pessoal que vem.

A - Por que que ele ia passar o Natal com a B.?

B - Uai porque ele falou pra B. não ficar sozinha. Só pode ser. Ele acha que a B. vai ficar triste porque ela é a única que não vai poder vir, vai ficar sozinha lá em Itajubá .. aí...

A - A B. tem a família dela, o V. os meninos uai!

B - É e tem um monte de amigos, tem a N., o F., o pessoal que tá acostumado né? Eu acho que ele devia ficar com o pessoal

que vem, vovô vovô o E. os meninos que ele não vê há um tempão, a gente quase não encontra, a última vez que eu vi a A. foi no casamento da .. da K., já vai fazer dois anos né? Eu acho que ele devia ir e depois no reveillon ia com a gente pra Itajubá. A B. ficou toda satisfeita que a gente vai pra casa dela.

A - A gente vai ficar lá quantos dias?

B - Na casa dela? Vai vai depender da sua aula, cê tem aula até que dia? a partir de que dia? Depois do reveillon, que dia que começa, dia dois?

A - Uai não sei! O reveillon é que dia que é? 31, 31 é dominfo, domingo pra segunda não é?

B - É.

A - Eu tenho aula terça-feira, não segunda-feira eu tenho aula.

B - No dia 1º é feriado, ninguém tem aula.

A - Então tem aula só quarta-feira.

B - Quarta-feira é dia 3. Dia ... é, quarta-feira é dia 3. Pois é eu pensei da gente voltar de 2 pra 3, talvez seja melhor.

A - E ocê vai trabalhar...

B - Eu vou trabalhar só dia 5.

A - E depois, quando é que ocê vai ter que trabalhar? Depois cê entra de férias?

B - Eu tenho que dar aula dia 5 dia 6, depois eu tenho que ir pra Mariana de novo dia 12 que eu vou aplicar prova pros alunos todos e vou ficar lá até o dia 13 que eu vou trabalhar até dia 12 à noite, já quero deixar todo resultado

lá pronto...

A - O que que eu vou fazer nesse intervalo?

B - Que que ocê vai fazer ? Cê não falou que vai ter aula?

A - Ah também eu posso eu posso, talvez eu viaje com o E..

B - Como que pode coisar com ocê assim? F., cê não dis.. cê não falou que vai ter aula até dia 18?

A - Ah vou mas eu vou fazer os trabalhos tudo antes, eu quero sair antes.

B - Cê quer sair quando?

A - Ah não sei, eu quero dar uma viajada.

B - Pois é, eu vou dar, eu vou fazer o possível pra no dia 13 eu tá desimpedida. Se houver aluno com ... que tenha direito a fazer prova especial, aí vou ter na semana seguinte que aplicar essa prova, não vou esperar a outra não.

A - Então dia 20?

B - No mais tardar dia 20 eu tô folgada, se Deus quiser.

A - No dia 20 eu só tenho mais dez dias de férias uai!

B - Então, no mais tardar, F., não significa não, se não tiver nenhum aluno que possa fazer prova especial, porque aluno que não tem frequência eu não vou deixar fazer prova especial não..

A - Por que que ocê que tem que aplicar essa prova?

B - Porque sou eu que faço, eu que tenho que corrigir. Eu sou a única professora de Sintaxe e Morfologia lá.

A - Ah não dá prova especial em ninguém não?

B - Ah também eu não vou passar todo mundo só porque eu quero ficar de férias né? Vai depender do rendimento. Agora, o

aluno que não conseguiu os pontos e não tiver frequência eu não vou deixar fazer prova especial não, eu não acho que ele tem direito não.

A - Uai, o aluno tem direito se tiver 40% dos pontos pra fazer prova especial.

B - Não, lá em Mariana é se ele tiver os... a respeito do ponto ninguém disse nada lá. Se ele não tiver ponto nenhum..

A - (...)

B - Aqui é. Mas lá acho que ... qualquer ... porque lá é diferente , lá é super fácil. Ele tem duas notas valendo 10, cê tira a média. Se der 5 ele é aprovado. Quer dizer, qualquer um é aprovado né?

A - A média lá é 5?

B - Média 5 super baixa. Por isso que o nível lá é baixo. Eles ficam falando que os professores é que .. fazem moleza .. que o, todo mundo preocupado com o nível da Universidade, mas o vestibular é fácilimo qualquer um passa com aquele vestibular, qualquer um entra lá dentro, e.. o nível procê procê ter, a média é 5 .. qualquer aluno que assiste lá duas ou três aulas um pouquinho inteligente faz uma prova e tira 5. Então tem aluno ali, o pessoal lá falta demais, tem muita gente de OP, muita gente de fora, o pessoal falta pra daná. Eles podem ter no máximo 15 faltas, quase todos os meus alunos .. é desses né que não vão que não conseguem tirar nota boa, quase todos não, todos praticamente já têm 20 faltas. Então se eles não conseguirem a média 5 eles não vão ser aprovados porque não

têm frequência, não têm direito a fazer prova especial ,
não tiveram nota e não tiveram frequência .. aí azar de-
les. Nesse caso aí eu não preciso dar prova especial.

ENTREVISTA Nº 4 - E.L.

A - formada em Letras

B - formada em Letras

C - formada em Letras

C - Então cê vai insistir mesmo?

B - Vou que aí os alunos (...)

C - Terminar mais cedo ainda vai. Pior é ter que deixar de dar.
Deixar de dar é pior.

A - Cê não escutou a o raciocínio da .. da S. cê saiu foi embora...

C - Ah?

A - Ela tava dando todas as razões aí procê ... é chamar os alunos pra ir no teatro e não dar aula (risos)

C - É?

A - quando nós olhamos cê já tinha saído há muito tempo e nós aqui falando...

C - Uai! cês tava falando comigo? Eu não ouvi nada não!

A - É. (risos)

C - Então me conta que que ela falou?

A - Ela falou assim e eu que já teria decidido na mesma hora!
(...) Ela acha que se eles vão ter uma atividade ocê depois vai na aula seguinte vai comentar vai dizer: ô eu acho que ocês fizeram isso assim assim devia fazer assim assim os que fizeram assim né? ... comentava rapidamente o que ocê mandou fazer ...

C - Ah...

A - Que ela ah já dou dua muita aula não sei o quê então depois no final do semestre ela chega à conclusão dá tudo no mesmo. (risos)

B - É eu também eu pessoalmente eu não vejo sabe? eu não vejo problema .. eu na minha cabeça...

C - Cê fica pensando é no que que eles vão achar né?

B - É .. isso.

C - Ah no final das conta eu acho que(...)

B - Cê sabe por quê? nesse semestre eu andei exigindo muita frequência. Antes não ... não se exigia não se falava, mas agora a gente tá exigindo...

A - Eu sempre exigi frequência.

B - Ah L.

A - Sempre fiz chamada sempre exigi frequência. Nunca deixei de fazer chamada...

B - Cê já deu uma bomba por causa de frequência?

A - Só quando é aluno realmente infrequente .. aí eu já dei uai! claro.

C - Nunca aparece né?

A - A H. mesmo é uma (...) que eu já falei: uai! cê pode desistir minha filha já levou pau por frequência...

B - Eu também já dei pau pra quem nunca aparece .. aí claro que...

A - Não.. quem foi uma duas aulas no máximo três aulas já levou bomba mesmo...

B - Mas é porque não fazem prova...

A - Aí na hora que eu falo o negócio .. ah o povo fica louco ! Ham? eu já tomei pau por frequência? .. uai gente! cês tão

achando que frequência é pra quê? pra embelezar? Uai!

B - (...) tem gente que perdeu mais de um mês de aula (...)

A - Perdeu doze aulas acabou, eu já falo: ô cê já tá na pinta se perder mais uma aula acabou.

C - Eu acho que (...) se o aluno vem, começa, por algum motivo ele tem que .. parar .. se ele voltar e o rendimento dele for satisfatório ... aí tudo bem eu abono as faltas.

B - (...) mas agora eu tô fazendo mesmo, cê entendeu? (...)mas mesmo assim teve uma aluna que chegou lá .. já tinha não sei quantas faltas né?(...) ela me perguntou se podia continuar, aí eu não tive coragem de falar pra ela (...) que na verdade se fosse seguir ao pé da letra já não deu .. né? Mas aí eu falei, vão esperar o seu .. rendimento (...)

C - Ah eu tive dois alunos assim o semestre passado os dois levaram pau.

B - (...)

C - Aí o problema é meu. Mas eu gosto de ver a frequência justamente porque na hora que o aluno vem todo petulantezinho dizendo né? que a nota dele tá assim assado, eu pego e mostro por que ocê não vem à aula? não faz as coisas como que cê quer passar ... né? Pelo menos tem como provar.

B - (...) cê sabia que ele tava querendo aula? (...) e cada aluno fez sua tradução e cada aluno tá apresentando a sua tradução .. os colegas comentando cê entendeu? .. então eles tão num entusiasmo...

A - Cê acha que aqui é parágrafo?

B - (...)

C - Ah cê me contou!

B - Eu brinquei, cês tão superando a mestra brinquei com eles
...

C - Cê me contou.

B - xeroc xeroc xeroca a tradução e .. datilografa tudo dentro
das normas na hora de xerocar, cê precisa de ver (...)

C - Assim que é bom!

B - Claro! (...)

C - Desistiu de perguntar L.?

A - Não eu já bati.

B - Machine a écrire a écrire.

C - Que isso?

B - Machine a écrire.

C - Ah ah francês? Por isso que eu tô falando: gente é typewri-
ter(risos) não tô entendendo machine a écrire. Quer dizer
que inglês em francês é machine também máquina?

B - É.

C - É interessante né? como que tem palavra igual.(...)

A - Nossa tô com raiva de não saber se coloco letra letra maiús
cula letra minúscula, tenho uma raiva de não saber (...)
(risos)

C - Não, essa burocracia eu vô contar .. esse negócio de ter
que bater esses .. projetos .. essas ... seguir esses roteii
ros enjoados não tem ninguém que gosta mesmo não. Às vezes
eu fico até complexada.. porque .. já tô há tanto tempo trab
balhando com isso já sou professora trabalho na Universida-
de e não sei, determinadas coisas eu não sei preencher não,
determinados formulários..

B - Formulários...

C - (...)

B - Eu eu depois que que eu comecei observar os normas técnicas da vida aí .. tô orientand tô tendo que ler um tanto de coisa sabe? Tô sabendo um pouco .. mais...

C - Eu não sabia nem fazer ofício até há pouco tempo.

B - É .. é o que eu falo pros alunos cê não sabe mesmo não. Cê só sabe (...)

C - A gente não precisa e (...)

B - É .. claro(...) Mudando completamente de assunto, que que cê achou ali da nossa ... da nossa foto? Ela tá mais bonita pelo conjunto da gente do que (...)

C - É se for olhar as caras...

B - Se for cada um é (risos) mas tá bonitinho.

C - Eu tô olhando procê, ocê tá olhando pra baixo...

B - Eu tô olhando pra baixo. Bem que eu falei...

C - R. tá olhando pra mim.

B - É.

C - O olho dela tá pra baixo.

B - É. E a L& A L? que tá melhor né?

C - É a L. foi a única que ficou atenta à máquina.

B - Mas sabe que que é? ali eu falei assim: ah deixa eu consertar aqui, eu acho que eu piquei alguma coisa, na hora que eu fui fazendo assim o menino bateu. Mas o conjunto ficou bonitinho não ficou?

C - Ficou.

B - As quatro .. as quatro mosqueteiras...

- C - Ia ficar bonitinho também aquele murinho onde a gente estava sentada.
- B - Hum ali ia ficar jóia! As quatro mosqueteiras né? porque a gente sai sai sai muito junta as quatro não saímos?
- C - Ô gente agora mudano totalmente de assunto...
- B - Também.
- C - quando eu vinha vindo pra cá eu dei de cara com o A. e ele tava assim num desânimo (risos) né? com aquela cara esquisita, eu passei e falei assim.. falei assim que tristeza A.! Ele falou assim: ah é porque eu comi demais. (risos) Mas sabe que que eu achei mais interessante? .. ele falou assim eu comi demais comi cento e não quantas gramas de arroz cento e não sei quantas gramas de chuchu (risos)
- B - Sabe até quantas.. mas eu nunca vou saber quantas gramas...
- C - E mais um outro trem que ele comeu que eu não entendi (risos)... eu falei ah então ocê cê comeu como diz minha sogra comeu até ficar triste né? (risos)
- B - Ah mamãe fala isso .. comeu até ficar triste (...) eu encontrei com ele lá no Banco...
- C - Ah mas ele é uma peça (...)
- B - (...) eu falei. A. cê veio aqui no Banco cê vai ficar aqui? não não vou não eu não sei que que ele foi fazer lá no Banco.
- C - Pois é, foi depois do almoço né? eu encontrei com ele aqui ele tava assim...
- B - (...) que ele falou que não tava na fila (...)

C - num desânimo!

B - Oi! (risos)

C - Ô A. engraçado gente! (risos)

B - E a barriga dele ele não deixa de mostrar .. eu falando o negócio do exercício que a que a professora pediu pra fazer exercício (...) que aquilo ali tinha muita massa que podia jogar aquilo lá dentro não sei quê, ele falou assim nã e se fosse a minha então e mostrou aquele barrigão assim .. gente, que aflição! Uma das coisas que ele mais que eu tenho mais aflição é de barriga.

C - E o A. é uma peça rara. Outro igual a gente não acha não. (risos)

B - A gente não acha.

C - Ele é muito engraçado .. achei graça que .. cê pode comer uma quantidade de comida não sei quantas colheres .. agora tantas gramas de arroz tantas gramas...

B - (...) três pratos né? Comi uns três pratos né? cê fala comi uns três pratos é .. (...)

C - Ainda fiquei pensando que alçomo, arroz e chuchu ... tem mais um doce lá que ele falou que comeu.

B - Esse esse almoço aí tá bom pra mim (...)

C - Cê gosta assim?

B - Não, porque eu eu (...) eu não ligo né? um arrozinho chuchuzinho...

C - Ah eu gosto de comer é carne.. Hum L. mas esse caqui tá uma delícia viu? Cê comprou lá em BH? Tá bom demais.

B - L. puxar o seu carro um poquitinho ... que ele não tão conse-

guindo entrar com o carro dele. Quer que eu puxe procê? Dei
xa eu puxar lá procê?

A - Hum aí que saco!

B - Aqui que abre a porta?

A - Hum hum!

B - Vão vão vão fugir no carro?

C - Eu com essa mão suja de caqui .. não tem jeito.

A - (...)

C - Ô E. vão terminar aqui?

B - O quê? aquela bobajada toda que eu tava falando?

C - Ah tava nada .. bobajada nada.

A - (...)

C - Cê tá datilografando é o seu projeto L.?

A - Ah eu não tô(...)

C - Eu acho que eu tenho borracha mas não é própria pra...

A - Pois é, a que eu tinha eu deixei lá em casa mas que saco!

C - Eu nem sei se eu tenho uma aqui .. não .. Tô olhando sem
saber. Tem uma fajutinha aqui cê quer? Cê tem aí?

A - É eu tenho.

B - Bom aquela .. essa aqui não é melhor L.? ó ó

C - Ô L. sabe o corretivo que é bom? Ah essa aí! essa aí é óti
ma.(...)

C - Sabe o corretivo que é bom menina? aquele Toque Mágico ..
ele não fica duro não.

B - Ah é?

A - Ai gente, ódio que eu tenho de .. quando eu tenho que fazer
as coisas correndo então aí que eu erro erro em seguida.

C - Se ocê deixar pra entregar isso semana que vem tem importância?

A - Ham?

C - Se você deixar pra entregar isso semana que vem?

B - Cê tem que entregar isso hoje? Tem que entregar hoje?
(...)

A - Pra poder marcar semana que vem.

C - Ah cê vai entregar hoje pro C. convocar Assembléia hoje...
é? Quer dizer que está em vias de ter uma Assembléia semana que vem?

A - Hum hum?

B - Não o negócio da .. o fato d'eu não tá podendo vir .. nas Assembléias .. né na quarta? então tô ficando por fora sem saber das coisas .. porque tudo passa na Assembléia né?

C - Ah mas a gente até que comenta né? é que ocê não prestou atenção naquele negócio da tradução .. porque a gente comentou com cê.

B - Não, eu prestei mas eu não tava sabendo exatamente como que ia ser, ainda não tava definido né? a questão da...

A - Quando ocê não vier também cê tem que perguntar que que é que aconteceu ... Senão ninguém vai falar...

B - É sabe que que é? Não se tivesse uma ata depois da Assembléia ...

C - (...)

B - meses depois .. podia fazer pelo menos assim .. um um apanhado geral .. né? Foi tratado isso ... dediciu-se isso .. pronto né?

C - Eu recebi .. essa semana a ata de uma reunião .. que foi feita em fevereiro do colegiado reunião do colegiado feita em fevereiro, recebi a ata hoje. Sabe quando cê nem lembra .. e a informação que eu tive na época foi que não havia quorum então não havia informação hoje eu recebo uma ata lá de uma reunião que não houve.

B - Que não houve. (risos)

C - Ótima né? Agora é ruim porque se o C. convocar eu também não venho não.

A - Não, mas é quinta.

C - Ah ele tá querendo marcar na quinta?

A - Não, eu que tô pedindo.

C - Ah porque cê também não vem na quarta?

A - Não.

B - Antes antes era assim uma semana era...

A - Não, é pra não ter esse problema também.

B - uma semana era na quarta uma uma assembléia era na quarta a a seguinte era na quinta (...)

C - Mas eu acho justo. Aquele dia é .. que foi marcar a reunião com o reitor .. eu achei a .. engraçado porque colocou-se em votação .. né? se o pessoal preferia vir na quarta ou na terça ninguém colocou em votação .. se o pessoal preferia na quinta...

B - (...)

C - Quer dizer o pessoal que vem no início da semana fica privilegiado né? porque tudo acontece nos dias que eles que eles vêm.

A - Ou o contrário né?

B - Ou ou fica livre né? da chatura. Mas sabe o que que aconteceu? Não podia ser assim não né?

C - É tinha que ser uai! (...)

B - (...)

C - No semestre passado que eu dava aula só na...

SITUAÇÃO ATUAL DO PRONOME SUJEITO NO DISCURSO COLOQUIAL ESPONTÂNEO

E R R A T A

P.6 - último parágrafo

Não nos preocupamos com o sexo dos informantes, já que, em alguns trabalhos realizados sobre esse assunto, que serão comentados mais adiante, esse fator não se mostrou significativo.

P. 14 - linha 7

Said Ali (1971:279)

P. 28 - exemplo (15)

sublinhar ela

P. 43 - quadro 4

Distância 2: omissão - 17%

P. 91 - linha 17

cortar a vírgula

- linha 24

cortar a segunda vírgula

P. 92 - linha 14

encadeamentoo

- linha 21

..., superior ao de omissões.